

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA CAMPUS FREDERICO  
WESTPHALEN DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO  
RELAÇÕES PÚBLICAS: BACHARELADO

FRANCIELI PAHOLSKI

**PAPEL MULHER: A COMUNICAÇÃO PARA PROMOÇÃO DA ARTE  
COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL.**

Frederico Westphalen, RS

2023

FRANCIELI PAHOLSKI

**PAPEL MULHER: A COMUNICAÇÃO PARA PROMOÇÃO DA ARTE  
COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL.**

Trabalho de Conclusão de Curso II  
apresentado ao Curso de Relações  
Públicas Bacharelado, do Departamento  
de Ciências da Comunicação da  
Universidade Federal de Santa Maria,  
Campus Frederico Westphalen, como  
requisito parcial para a obtenção do título  
de Bacharel em Relações Públicas.

Orientadora: Profa. Dra. Vera Sirlei Martins

Frederico Westphalen, RS

2023

*Dedico este trabalho a todos que acreditam que a educação é a porta de entrada para a transformação social, em especial aos meus familiares, que não tiveram as mesmas oportunidades que eu. A nós, mulheres.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus familiares, em especial a minha mãe, Josane de Fátima Paholski, por ter me dado todo o suporte neste período de graduação, e por ser exemplo de força, de coragem e dedicação, e assim como outras mulheres, carregou durante uma vida o peso do patriarcado em seus ombros.

A minha irmã Sibeli, por me aturar todos esses anos, e por entender os momentos de ausência e por todo o apoio neste período.

Ao meu pai, Sérgio Paholski, por mesmo que não esteja mais presente fisicamente neste mundo, sempre estará no meu coração me lembrando que não posso desistir do meu propósito, eu estou realizando o seu e o meu sonho, obrigado por me mostrar o mundo através da arte.

As mulheres da minha família, minhas tias, minhas avós, as quais tenho enorme orgulho e admiração. Vocês foram e são fonte de inspiração!

Não poderia deixar de agradecer a minha dupla de vida acadêmica e minha amiga, Lays, obrigada pela parceria e por ser a melhor amiga que eu poderia ter para dividir os momentos bons, as dúvidas, angústias, medos, felicidades e conquistas.

Agradeço a minha namorada Paulina, pelo companheirismo, por acreditar em mim mesmo quando nem eu acreditava, pelo amor de todos os dias e por me ajudar nesse processo.

A minha orientadora Prof.<sup>a</sup>. Dra. Vera Sirlei Martins, que acreditou nesse trabalho e nas minhas ideias. Obrigada pelo apoio, você é a minha inspiração! Agradeço aos demais professores de comunicação com os quais tive o prazer de aprender durante minha trajetória no curso de Relações Públicas. Aproveito para dizer que há um pouquinho de cada um de vocês nos trabalhos que escrevo.

Agradeço ao meu gato, Olavo, obrigada por ser meu apoio emocional e meu companheiro na escrita deste trabalho.

Também agradeço a Deus por ter me dado forças para seguir meu caminho. Preciso agradecer a mim por todo empenho e dedicação para terminar esse trabalho, e por ter me mantido fiel ao meu propósito desde do início.

Por fim, agradeço a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho, enriquecendo meu processo de aprendizado.

*“Pela maior parte da história,  
“anônimo” foi uma mulher.”*

*Virgínia Woolf*

## RESUMO

O presente trabalho tem como tema, a comunicação para promoção da arte como ferramenta de transformação social, para isso, a pesquisa aprofunda-se na maneira como a coletiva Papel Mulher usa da comunicação para a divulgação da escrita de mulheres através de lambe-lambes. A pergunta que nos guiou visa entender como a Coletiva Papel Mulher usa a comunicação para desenvolver e potencializar ações para promover a escrita de mulheres através da arte urbana de lambe-lambe como uma ferramenta de transformação social. Para tal, objetiva-se especificamente: a) Compreender a atuação da coletiva Papel Mulher como movimento social que luta em prol da divulgação da escrita de mulheres no espaço público; b) Identificar quais as estratégias de comunicação são utilizadas pela coletiva Papel Mulher para potencializar a arte como ferramenta de transformação social; c) Entender os sentidos produzidos pelos discursos publicizados nas mídias sociais e fora dela pela coletiva Papel Mulher. A delimitação do corpus para coleta ocorreu em conteúdos veiculados no *Instagram* da Coletiva Papel Mulher, nos meses de maio e junho de 2023. No primeiro momento, realizou-se uma revisão bibliográfica dentro das temáticas relacionadas a luta das mulheres e os movimentos sociais, arte, espaço e transformação social, comunicação estratégica e arte de transmitir ideias. O processo analítico do corpus coletado, dá-se a partir da abordagem feminista desenvolvida por (FIORENZA, 2009). Portanto, as reflexões acerca do corpus coletado seguiram as diretrizes dos sete movimentos hermenêuticos de interpretação propostos por Fiorenza (2009), os quais são eles: a hermenêutica da experiência; da dominação e do lugar social; da suspeita; da avaliação crítica; da imaginação criativa; da lembrança e reconstrução social; e da ação transformadora por mudança. Dessa maneira, a pesquisa nos apresentou como resultado que a comunicação é usada como ferramenta que auxilia na divulgação da coletiva Papel Mulher e da escrita das mulheres, essas estratégias podem ser divididas em dois grupos principais: as estratégias de difusão da escrita das mulheres na arte, através de intervenções urbanas, com os lambes, e a segunda estratégia, que é usar das redes sociais (*Instagram*) para assim alcançar mais pessoas e trazer uma discussão mais centralizada e que permite uma maior interatividade com o público.

**Palavras-chave:** Movimentos Sociais; Arte; Feminismo; Comunicação estratégica; Transformação social

## ABSTRACT

The theme of this work is communication to promote art as a tool for social transformation. To this end, the research delves into how the Papel Mulher collective uses communication to promote women's writing through lick-lambes. The question that guided us aims to understand how the Papel Mulher Collective uses communication to develop and enhance actions to promote women's writing through the urban art of lambe-lambe as a tool for social transformation. To this end, the specific objectives are: a) To understand the role of the Papel Mulher collective as a social movement that fights for the dissemination of women's writing in the public space; b) To identify which communication strategies are used by the Papel Mulher collective to promote art as a tool for social transformation; c) To understand the meanings produced by the discourses published on and off social media by the Papel Mulher collective. The delimitation of the corpus for collection took place in content posted on Instagram by the collective Papel Mulher, in the months of May and June 2023. At first, a bibliographical review was carried out on topics related to the struggle of women and social movements, art, space and social transformation, strategic communication and the art of transmitting ideas. The analytical process of the corpus collected is based on the feminist approach developed by (FIORENZA, 2009). Therefore, the reflections on the corpus collected followed the guidelines of the seven hermeneutic movements of interpretation proposed by Fiorenza (2009), which are: the hermeneutics of experience; of domination and social place; of suspicion; of critical evaluation; of creative imagination; of remembrance and social reconstruction; and of transformative action for change. In this way, the research has shown us that communication is used as a tool to help publicize the Papel Mulher collective and women's writing. These strategies can be divided into two main groups: the strategies for disseminating women's writing in art, through urban interventions, with the lambes, and the second strategy, which is to use social networks (Instagram) to reach more people and bring a more centralized discussion that allows greater interactivity with the public.

**Keywords:** Social movements; Art; Feminism; Strategic communication; Social transformation

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Categorização das Publicações .....	19
Quadro 2 - Caracterização geral das publicações .....	40
Quadro 3 – Resumo dos giros Hermenêuticos Fiorenza (2009) .....	50



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Captura de tela de publicação da Coletiva Papel Mulher .....	44
Figura 2 – Captura de tela coletiva Papel Mulher.....	45
Figura 3 – Captura de tela da Coletiva Papel Mulher .....	46
Figura 4 – Captura de tela coletiva Papel Mulher.....	47
Figura 5 – Captura de tela da coletiva Papel Mulher .....	48
Figura 6 – Captura de tela coletiva Papel Mulher.....	48
Figura 7 - Captura de tela que exemplifica a temática “Textos poéticos” .....	52
Figura 8 – Captura de tela que exemplifica a temática “Autonomia e autoafirmação” .....	53
Figura 9 - Captura de tela que exemplifica a temática “Igualdade de gênero” .....	54
Figura 10 - Captura de tela que exemplifica a temática “Amor-próprio” .....	55
Figura 11 - Captura de tela que exemplifica a temática “Construção de identidade” .....	56
Figura 12 - Captura de tela que exemplifica a temática “Empoderamento feminino” .....	58
Figura 13 - Captura de tela que exemplifica a temática “Desconstrução de normas de gênero” .....	59
Figura 14 - Captura de tela que exemplifica a temática “Mudança social” .....	60
Figura 15 - Captura de tela que exemplifica a temática “Medo e insegurança” .....	61
Figura 16 - Captura de tela que exemplifica a temática “Arte e ativismo feminino” .....	62
Figura 17 - Captura de tela que exemplifica a temática “Emancipação feminina” .....	63
Figura 18 - Captura de tela que exemplifica a temática “valorização das raízes e história feminina”.....	64
Figura 19 - Captura de tela que exemplifica a temática "Relações afetivas e autonomia" .....	65
Figura 20 - Captura de tela que exemplifica a temática "Desigualdade de gênero" .....	66
Figura 21 - Captura de tela que exemplifica a temática "Sobrecarga e expectativas de gênero" .....	68
Figura 22 - Captura de tela que exemplifica a temática "Discriminação das mulheres trans/travestis” .....	69
Figura 23 - Captura de tela que exemplifica a temática "Objetificação do corpo feminino” ..	70

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1. APRESENTAÇÃO DA COLETIVA PAPEL MULHER .....</b>	<b>14</b>
<b>2. METODOLOGIA.....</b>	<b>16</b>
<b>3. A LUTA DAS MULHERES E OS MOVIMENTOS SOCIAIS.....</b>	<b>20</b>
3.1. MOVIMENTOS SOCIAIS .....	22
3.2. NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS .....	23
<b>4. ARTE, ESPAÇO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL.....</b>	<b>27</b>
4.2. COLETIVOS E O FAZER ARTE .....	30
<b>5. COMUNICAÇÃO ESTRATÉGICA E A ARTE DE TRANSMITIR IDEIAS.....</b>	<b>35</b>
<b>6. A ARTE É A VOZ DAS RUAS .....</b>	<b>40</b>
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>72</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>75</b>

## INTRODUÇÃO

Mais de 70% dos livros publicados no Brasil entre os anos 1965 à 2014 foram escritos por homens, 90% das obras literárias foram escritas por brancos e pelo menos a metade dos autores é originária do eixo Rio de Janeiro/São Paulo. Esse é o resultado da pesquisa desenvolvida pelo Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea, coletivo de pesquisadores vinculado à Universidade de Brasília (UNB), portanto, o intuito é alterar esse cenário atual. De acordo com Apolinária (2021, p.2-5) “As escolas, as universidades, as livrarias e o mercado editorial contribuem muito com o estereótipo e com a concepção do que é ser uma pessoa que escreve e se afirmar como tal.” Foi o que levou a criar a imagem de que a pessoa que escreve é um homem cis, branco, de classe média alta. A ideia principal é romper com esse cenário e com a ideia que existe hoje e existia em 1800 e que infelizmente continuará existindo até que ela seja desfeita. Essa imagem criada de como deveria ser “o escritor” faz com que não reconheçamos, por exemplo, nós mesmas, uma amiga nossa que escreve há anos como escritora. “Parece só que a gente não parece com o que devia parecer quando se é um escritor, sabe?” (APOLINÁRIO, 2021, p.3-5)

Neste intuito, de reescrever essa página, que surge o Papel Mulher, que é uma coletiva feminista cujo objetivo é divulgar a escrita de mulheres através da intervenção urbana feitas com colagem de lambe-lambe nas ruas do país. Esta pesquisa permeia a questão inicial: como a comunicação pode auxiliar na promoção da arte como ferramenta de transformação social? O objetivo da escolha desse tema é atrair atenção para esse assunto, e também existe a motivação pessoal da autora, apaixonada pela comunicação através da arte e das diversas formas de se utilizar a arte como comunicação, mobilização e transformação social. Além disso, é uma área que não tem tantos estudos voltados a compreender e refletir sobre como a comunicação pode ser usada como ferramenta de promoção da arte, que pode ser um fator importante e capaz de contribuir como instrumento de luta social em favor de um grupo, o que apresenta e potencializa a arte como modificadora de cenários e coloca que tanto o indivíduo interfere na sociedade, quanto a sociedade interfere no indivíduo. E que através das manifestações e intervenções artísticas, inclusive da linguagem e da comunicação, um grupo social não escutado transmite a mensagem de um conteúdo coletivo para inúmeras pessoas, despertando assim reações conscientes e inconscientes de cada pessoa que recebeu a mensagem.

A pesquisa está norteada pela problemática: como a Coletiva Papel Mulher usa a comunicação para desenvolver e potencializar ações para promover a escrita de mulheres através da arte urbana de lambe-lambe como uma ferramenta de transformação social? Para tal, o objetivo geral é: entender como a Coletiva Papel Mulher usa a comunicação para desenvolver e potencializar ações para promover a escrita de mulheres através da arte urbana de lambe-lambe como uma ferramenta de transformação social. E os objetivos específicos: a) Compreender a atuação do coletivo Papel Mulher como movimento social que luta em prol da divulgação da escrita de mulheres no espaço público; b) Identificar quais as estratégias de comunicação são utilizadas pela coletiva Papel Mulher para potencializar a arte como ferramenta de transformação social; c) Entender os sentidos produzidos pelos discursos publicizados nas mídias sociais e fora dela pela coletiva Papel Mulher. O processo analítico do corpus coletado, a análise deste trabalho, dá-se a partir da abordagem feminista desenvolvida por (FIORENZA, 2009), parece ser mais viável ao estar relacionada com a justificativa da pesquisa. Portanto, as reflexões acerca do corpus coletado seguirão as diretrizes dos sete movimentos hermenêuticos de interpretação propostos por Fiorenza (2009), os quais são eles: a hermenêutica da experiência; da dominação e do lugar social; da suspeita; da avaliação crítica; da imaginação criativa; da relembração e reconstrução social; e da ação transformadora por mudança.

Desenvolve-se a partir disso uma pesquisa descritiva, exploratória e bibliográfica, para descrever as práticas comunicacionais do coletivo Papel Mulher e os conceitos que estão ligados aos temas da pesquisa. Para esse fim, foram desenvolvidos três capítulos teóricos. No primeiro capítulo teórico, que é o capítulo 3, intitulado “A luta das mulheres e os movimentos sociais”, neste capítulo aborda-se as estruturas patriarcais e os papéis sociais de gênero; A diferenciação entre homens e mulheres em relação ao poder exercido socialmente culturalmente, e como surgem os movimentos feministas e os coletivos feministas. Neste capítulo foram usadas autoras, como: Scott (1995), Colling (2004), Fiorenza (2009), Garcia e Souza (2016).

No próximo capítulo teórico, o capítulo 4, intitulado “Arte, espaço e transformação social”. Neste capítulo aborda-se o conceito de arte (lambe-lambe), espaço público como meio de produção de cultura, e como a arte e a comunicação estão atreladas. Neste capítulo foram usados autores, como: Buoro (2000), Silva (2015), Melendi (2005), Dewey (1959) Santaella (2005), Lugão (2009), Rocher (1992).

No terceiro capítulo teórico, que é o capítulo 5 deste trabalho, intitulado “Comunicação estratégica e a arte de transmitir ideias”, aborda como a comunicação desempenha um papel multifacetado; Comunicação estratégica em movimentos sociais; O que é a comunicação estratégica; Comunicação estratégica nas redes sociais e como a arte, a internet, a mobilização urbana, ativismo online, e tudo isso passa a ser uma maneira de se comunicar de modo estratégico. Para este capítulo foram usados autores, como: Perles (2007), Kunsch (2014), Franco (2002), Henriques (2004), Carrillo (2014), Gohn (2012), Mendonça (2011), Toro e Werneck (2004), Dantrino (2019), Becker (2016), Pierre Lévy (1999, Lemos (2009), Herbelê e Soares (2013), (Mafra Et Al, 2004), (Tomaél Et Al 2005) e Machado (2007).

Dessa maneira, a pesquisa nos apresentou resultados de como a comunicação é usada como ferramenta e como meio que auxilia na divulgação da coletiva Papel Mulher e da escrita das mulheres, nos locais urbanos e no meio digital, essas estratégias podem ser divididas em dois grupos principais: as estratégias de divulgação da escrita das mulheres na arte de lambe-lambe, através das intervenções urbanas, e a segunda estratégia, que se utiliza das redes sociais (*Instagram*), para assim alcançar mais pessoas e levar a escrita das mulheres e as discussões que vem por meio das publicações, permitindo uma visibilidade mais centralizada e que permite uma maior interatividade com o público.

## 1. APRESENTAÇÃO DA COLETIVA PAPEL MULHER

A Papel Mulher é uma coletiva feminista que visa divulgar a escrita de mulheres mediante colagem de lambe-lambe nas ruas do Brasil e em outros países. A coletiva foi idealizada em janeiro de 2021 pela Cearense Alexandra Maia, que, cansada de ver a poesia e a escrita restrita ao mundo acadêmico e formal. Pensou que os lambes seriam uma forma de colocar a poesia na rua, na vida das pessoas, principalmente a escrita de mulheres, que passam e precisam de uma palavra para acompanhá-las e acolhê-las

A coletiva nasce da ideia de que existe uma disputa de narrativa, ou seja, de que uma sociedade machista, classista, racista e homoesbotransfóbica, seleciona certos discursos que serão visualizados e outros discursos que serão invisibilizados. O que nos leva a pensar que só é permitido existir e escrever para um tipo de corpo específico. Muitas experiências reforçam essa ideia que nos leva acreditar que existem mais homens escrevendo do que mulheres. E essa questão, sem dúvidas, tem um certo preconceito. Sobre quem escreve literatura, quem é a literatura no Brasil.

Entendemos a Literatura como direito de todes, apesar do que querem nos fazer acreditar, essa arte não é só destinada a uma parcela da sociedade com acesso ao dinheiro. Literatura não é coisa desvinculada da vida vivida. Acreditamos na literatura como um meio de transformação de subjetividades e, quem sabe, de transformação de sociedade. Acreditamos que os escritos de mulheres podem ajudar na construção de um mundo melhor ou que possam melhorar o dia de uma mulher que passou por um de nossos lambes e se sentiu acolhida pelas palavras escritas. (APOLINÁRIO, 2021, p. 4)

Alexandra Fundadora da coletiva, criou um perfil no *Instagram* e fez o chamado em suas redes sociais para que mais mulheres se somassem ao projeto, entre elas duas amigas próximas, a paraibana Jessyka Ribeiro e a carioca Julyana Mattos, as quais, desde o início da coletiva, ajudam com questões organizacionais. Hoje, a Papel Mulher é uma coletiva com muitas participantes: atualmente, em um grupo de *WhatsApp*, conta com cerca de 180 mulheres de diferentes cidades. Nesse grupo geral soltam informações sobre a coletiva e sobre colagens; a ideia é que todas as mulheres que estejam nesse grupo maior colem lambes. A coletiva preza pela autonomia das suas integrantes, mas conta com um grupo menor composto por nove mulheres e coordenado por Alexandra. Essas mulheres coordenam grupos menores. Elas têm um grupo de curadoria, organizado por Julyana Mattos, e conta com mais vinte mulheres, para fazer seleções de poemas para virarem lambes. Outro grupo é composto por mulheres que fazem a arte do Lambe Digital. Há também um grupo com

mulheres da área audiovisual, organizado por Vanessa Pessoa, visando fazer vídeos para a página da Papel Mulher. Há, ainda, um grupo, coordenado por Kelly Martins, para pensar estratégias de vendas para produtos da Papel Mulher, de modo a gerar caixa a fim de que a coletiva financie suas ações e monte um caixa-fiança para terem dinheiro caso alguma mulher da Papel seja apreendida colando lambe. Já que, em algumas cidades, o lambe-lambe é considerado uma infração. Por fim, temos grupos regionais: um grupo da Papel Nordeste, organizado por Jessyka Ribeiro; um da Papel Norte, organizado por Sam Nina; e um grupo da Papel Sul, organizado por Amanda Leal. Além desses grupos, elas constantemente vêm recebendo novas mulheres na coletiva. Para isso, contam com a ajuda de Cecília Souto, que recebe as novas integrantes e explica como a coletiva funciona. Hoje, a Papel Mulher já esteve em mais de quarenta cidades pelo Brasil. Também algumas colagens fora do país. A ideia é que todas as ruas do país, um dia, falem palavras de mulheres, porque é um ato político levar essas mulheres e suas palavras para as ruas porque essas palavras têm muito a nos ensinar. “É nessas ruas que vivemos histórias de amor, violência, abuso. São essas ruas que carregam nossas histórias, mas não carregam nossos nomes.” (APOLINÁRIO, 2021, p.5)

Estados brasileiros onde já foram colados os lambe-lambes: Rio de Janeiro, Paraíba, Ceará, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Minas Gerais, Brasília, Pernambuco, Amazonas. E países: Alemanha, México, Argentina e Chile

## 2. METODOLOGIA

Este estudo, será desenvolvido em três partes. Trata-se primeiramente de uma pesquisa descritiva, exploratória e bibliográfica, ao objetivar descrever as práticas comunicacionais do coletiva Papel Mulher, relacionadas a divulgação da escrita de mulheres nos espaços públicos e nas redes sociais. Que é o principal objetivo da coletiva, espalhar a escrita de mulheres e colocar em espaços de evidência. A primeira etapa refere-se aos procedimentos técnicos. Para a revisão teórica dos conceitos abordados no trabalho, fez-se substancial o uso da pesquisa bibliográfica, em uma leitura reflexiva, “a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e acessadas por meio de escritos e eletrônicos, tais como livros, artigos científicos e web sites” (FONSECA, 2002, p. 32). Concordante a isso, Gil (2008, p. 50) ressalta que “[..] a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

A pesquisa documental também tem grande importância na coleta de dados sobre a coletiva Papel Mulher, como as informações encontradas em reportagens em meios digitais.

De acordo com Gerhardt e Silveira (2009, p.62), a pesquisa documental “tem sido largamente utilizada nas ciências sociais, na investigação histórica a fim de descrever/comparar fatos sociais estabelecendo suas características ou tendências”, ela se utiliza de fontes como jornais, revistas, relatórios, etc.

Em um segundo momento, identificamos quais são os conteúdos de comunicação desenvolvidos pelo coletiva Papel Mulher, de modo a coletar dados e informações que nos auxiliem a compreender o discurso acerca da coletiva, da causa e dos seus objetivos propostos.

A terceira etapa se dá pela análise hermenêutica feminista da Fiorenza, (2009) do corpus de pesquisa, para assim compreender a atuação do coletiva Papel Mulher como um movimento social que luta em prol da divulgação da escrita de mulheres no espaço público e digital. Além da busca por entender os sentidos produzidos pelos discursos publicizados nas mídias sociais (*Instagram*) da coletiva.



Os conteúdos publicados no *Instagram* da coletiva, foram <sup>1</sup>colhidos no período de 2 meses, maio e junho de 2023, os meses foram escolhidos de forma aleatória durante o período da construção do trabalho, e foram categorizados a partir das percepções ao realizar a coleta. Optamos por incluir os posts do feed do *Instagram*, ou seja, fotos e texto (legendas).

Dentre os processos compatível para a análise deste trabalho, a abordagem feminista desenvolvida por (FIORENZA, 2009) parece ser mais viável ao estar relacionada com a justificativa da pesquisa, pois a coletiva Papel Mulher luta pela visibilidade da escrita de mulheres. Sendo assim, uma forma de expressão do gênero feminino. Portanto, as reflexões acerca do corpus coletado seguirão as diretrizes dos sete movimentos hermenêuticos de interpretação propostos por Fiorenza (2009), que são: hermenêutica da experiência; da dominação e do lugar social; da suspeita; da avaliação crítica; da imaginação criativa; da relembração e reconstrução social; e da ação transformadora por mudança.

Ao que se refere à hermenêutica da experiência, Fiorenza (2009) destaca que o ato de interpretar pode ser considerado lugar de posicionamento, se considerar a realidade onde se vive. “Uma análise feminista crítica, ético-política e retórica-emancipatória não inicia simplesmente com uma experiência individualizada e privatizada, mas com uma reflexão crítica sobre como a experiência com o texto bíblico é condicionada por nosso lugar sociopolítico”. (FIORENZA,2009, p. 193). Embora essa conjectura se refira aos textos bíblicos, esse cenário pode ser aplicado à interpretação dos conteúdos da coletivas coletados para esse estudo, os quais nos perguntam constantemente “quais experiências grupais o texto evoca? [...] Quais tipos de experiência o texto evoca? Quais tipos de experiências estão inscritos nele?”. (FIORENZA,2009, p. 13). Trata-se, portanto, do cotidiano das mulheres, e esse o cenário utilizado para as interpretações de textos, vivências e lugares, como cita Fiorenza:

Com a ajuda dessa análise feminista crítica, você pode questionar primeiro seu próprio lugar social e sua participação nas relações trata-se, portanto, de poder. Ao fazer isso, você se torna consciente de como suas experiências são construídas em termos de gênero, raça, classe, religião ou nacionalidade, e como você mesma/o as constrói nestes termos. (FIORENZA, 2009, p.195)

Segundo Fiorenza (2009) a hermenêutica do lugar social e da dominação não é somente interpretação ou a experiência que as mulheres tiveram a leitura de um texto ou lugar. Mas

---

<sup>1</sup> Link do drive com os matérias coletados para a análise: [https://drive.google.com/drive/folders/1PJ5tUpdgu-KWQTt3JUBNcOJwdeYuJTDM?usp=drive\\_link](https://drive.google.com/drive/folders/1PJ5tUpdgu-KWQTt3JUBNcOJwdeYuJTDM?usp=drive_link)

também a de destacar os pontos que refletem sobre o próprio lugar social, cultural e religioso e como configura nossa experiência na reação acerca de um determinado texto.

Uma hermenêutica feminista crítica da avaliação, por sua vez, procura tornar conscientes as interiorizações e legitimações cultural-religiosas [...] e também analisar os valores e visões inscritas como alternativas contraculturais. [...] Aceita somente a autoridade daqueles textos que foram submetidos a uma hermenêutica crítica da suspeita e avaliados, numa situação particular concreta, como emancipatórios. (FIORENZA, 2009, p. 199).

A hermenêutica da imaginação criativa refere-se ao movimento de questionar os movimentos utópicos que podemos fazer para visualizar as possibilidades, de se deslocar ao lugar do outro e vislumbrar possibilidades diferentes. É um movimento imaginativo capaz de nos deslocar ao lugar do outro e questionar a distância e os movimentos utópicos que podemos fazer para visualizar as possibilidades diferentes e de permitir as mudanças.

A hermenêutica da lembrança e da reconstrução é um interessante paradigma retórico crítico, por ter em vista questionar a distância entre o leitor e texto, ou seja, “tornar novamente visíveis os 'Outros' os subordinados e marginalizados, tornar novamente 'audíveis' seus argumentos reprimidos e seus silêncios.” (FIORENZA, 2009, p. 206). É uma forma de recuperar um passado esquecido e de chegar em um futuro de mudanças. “Uma hermenêutica da reconstrução tem não só a tarefa desconstrutivista, mas também construtivista. Está embasada numa escala de valores e numa visão de mundo que deve ser justificada e validada no discurso e debates públicos” (FIORENZA, 2009, p. 206).

Finalmente, uma interpretação da ação voltada para a promoção da mudança, que ocorre durante a análise do passado e do presente, com o objetivo de vislumbrar os potenciais mudanças e transformações no futuro.

Os conteúdos analisados foram coletados do perfil oficial da Coletiva Papel Mulher no *Instagram*. Foram 70 capturas de tela coletadas nos meses de maio e junho de 2023. Visando uma análise mais focada e representativa do ponto de vista numérico, optamos por escolher apenas dois meses, o que nos permitirá uma análise mais concentrada. Para tanto, construiu-se, primeiramente, um quadro com as caracterizações geral das publicações analisadas, com o número total de publicações, onde se lista qual é a localização, ou seja, onde as fotos dos lambes foram tiradas, as autoras usadas nos textos escritos nos lambes e as temáticas dos trechos escritos nos lambes.

Quadro 1 – Categorização das Publicações

<b>Categorização das Publicações</b>
Localização
Autoras
Temática

Fonte: Elaborado pela autora

Para a análise, escolhemos alguns exemplos de cada categoria previamente definida. Em seguida, realizamos os movimentos e giros hermenêuticos, sobre as reflexões cuidadosas, para direcionar nossa compreensão dos conteúdos que coletamos e categorizamos. Além disso, por meio desses métodos, visamos explorar aspectos da comunicação estratégica que nos permitam imaginar as possibilidades de um cenário social no qual as produções disseminadas por lambe-lambes das escritas de mulheres estejam amplamente difundidas.

### 3. A LUTA DAS MULHERES E OS MOVIMENTOS SOCIAIS

Ainda persiste em nossa cultura uma estrutura patriarcal que exerce influência considerável na determinação dos papéis sociais e posições que ocupamos ao longo de nossas vidas.

Isso torna-se perceptível quando a linguagem com conotação masculina acaba por marginalizar as mulheres, um fenômeno que permeia amplamente nossa sociedade. Isso se reflete, por exemplo, na enraizada ideia de que as responsabilidades domésticas e o cuidado infantil são naturalmente destinados às mulheres, enquanto carreiras científicas e trabalhos pesados são reservados aos homens. Essa diferenciação também se manifesta em aspectos como a escolha de cores nas roupas, perpetuando-se em diversos aspectos da vida cotidiana. A interseccionalidade: seja ela de gênero, classe, etnicidade, sexualidade, nacionalidade, são as que apresentam e exercem uma infinidade de experiências, que precisam ser consideradas na cultura social.

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são interrelacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. (COLLINS, 2021, p. 16-17)

Gênero, no ponto de vista da autora Scott (1995, p.86) “é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos.” A diferenciação de sexo fora da biologia é apenas uma justificativa utilizada pela sociedade para afirmar um modelo de hierarquia e diferenciação entre homens e mulheres em relação a poder. Colling (2004 p.21-30) coloca também que “são as sociedades, as civilizações que conferem sentido a essa diferença entre homens e mulheres”, portanto não há verdades de uma diferença entre os gêneros naturalmente, mas sim na relação social que foi reconstruída e remodelada dessa forma e é consequência e causa da dinâmica social atual.

A luta das mulheres por muito tempo foi dita como pequena e insignificante, suas histórias foram silenciadas e excluídas, seja na literatura, na igreja ou na tribuna. O sujeito que tinha fala era sempre do sexo masculino, histórias que tinham apenas um lado a ser contado, retratado e narrado pela história, já que eram eles mesmos quem as escreviam. “Os homens,

ao descreverem as mulheres, serem seus porta-vozes, os historiadores ocultaram-nas como sujeitos, tornaram-nas invisíveis. Responsáveis pelas construções conceituais, hierarquizam a história, com os dois sexos assumindo valores diferentes.” (COLLING, 2004, p.21). Fazendo com que assim o homem se colocasse como construtor da história e representasse mais valor do que a mulher por ter seu nome escrito nesse mesmo espaço, levando assim em consideração os padrões histórico-culturais atribuídos para os homens e mulheres.

Nos dias de hoje as mulheres ainda lutam por estar em igualdade em certos espaços que por muito tempo as foram negados, essa opressão causada pelo machismo é um sistema dinâmico onde as desigualdades vividas pelas mulheres são os efeitos das vantagens dadas aos homens. Mas como as experiências sociais são diversas, únicas e individuais e, um dos grandes desafios, é perguntar-se sobre os interesses da dominação masculina que desconsidera todas as experiências que não se encontram nesse espectro social. Fiorenza (2009) nos fala sobre isso na hermenêutica da suspeita:

Uma hermenêutica da suspeita tem a tarefa de desembaraçar as funções ideológicas de textos kyriocêntricos e de suas interpretações. Ela não afirma que há uma conspiração kyryarcal entre as/os autoras/es clássicas/os e seus intérpretes contemporâneos, mas faz questão de dizer que, efetivamente, nós mulheres não sabemos se textos genéricos gramaticalmente masculinos se dirigem a nós ou não. É por isso que precisamos pensar sempre duas vezes e perguntar se algo se refere a nós ou não. (FIORENZA, 2009, p.198)

Esse paradigma apresentado por Fiorenza (2009), coloca as mulheres como sujeitos que interpretam sua história e aprendem a reivindicar seu espaço e autoridade. Dessa forma, ao questionar essa lógica de dominação masculina, passam a abandonar e rejeitar as regras e epistemologias que marginalizam e excluem as mulheres da vida social.

É com o intuito de reverter esses entendimentos, criado sob as mulheres, que surgem os movimentos feministas e os coletivos feministas. Coletivo é um grupo de indivíduos que divide os mesmos interesses, posicionamentos, e busca por uma causa comum. Coletivo feminista “são grupos de mulheres, principalmente, que militam por uma posição legitimada a elas na sociedade. Nesses grupos, inúmeras discussões, intervenções acerca do universo feminino são realizadas.” (GARCIA e SOUSA, 2016, p.992)

Os coletivos muitas vezes são os únicos meios encontrados pelas mulheres que oferecem lugar, ou espaço seguro onde essas mulheres podem se reunir, colaborar e compartilhar suas experiências e perspectivas. Isso muitas vezes resulta em uma construção de

lugares sociais de protagonismo feminino, onde as mulheres podem desafiar as normas patriarcais tradicionais e reivindicar espaços para si próprias.

### 3.1. MOVIMENTOS SOCIAIS

Os <sup>2</sup>movimentos sociais foram e continuam sendo uma maneira de alcançar mudanças significativas na sociedade, além de serem meios de intervenção direta no contexto político em que grupos minoritários da sociedade, criam e encontram espaços para reivindicar seus direitos e expressar suas insatisfações das regras sociais que moldam suas vidas.

Segundo a autora, Gohn (1997) que estabelece sua conceituação que caracteriza “os movimentos sociais como ações sociopolíticas construídas por atores coletivos de diferentes classes sociais, numa conjuntura específica de relações de força na sociedade civil.” E essas ações desenvolvem um processo de criação de identidades em espaços coletivos, instigando transformações, sejam elas conservadoras ou progressistas.

Neste sentido se torna necessário distinguir as diferenças entre movimentos sociais e movimentos históricos, o que segundo autor Touraine (2006) tem a seguinte distinção:

Os movimentos sociais propriamente ditos que foram evocados, os conflitos estruturais dessa sociedade que opõem os detentores do poder econômico e social e aqueles a eles submetidos, movimentos de outra natureza que, na falta de melhor expressão, designo movimentos históricos e que podem ser claramente definidos pelos conflitos surgidos em torno da gestão da mudança histórica. Falamos do movimento operário como de um movimento social central da sociedade industrial e de movimentos históricos ou políticos como o capitalismo, o socialismo, o comunismo e outros, cujo objeto foi dirigir o processo de industrialização. (TOURAINÉ, 2006).

Isso quer dizer que os movimentos históricos podem ser conceituados como aqueles que emergem em resposta a conflitos relacionados à administração das mudanças de natureza histórica. Por outro lado, os movimentos sociais podem ser definidos como aqueles que se originam em meio a conflitos associados à ocupação ou preocupação de espaços sociais específicos. (TOURAINÉ, 2006).

Segundo Touraine (2006) “compreende-se facilmente que movimentos sociais e movimentos históricos freqüentemente procurem se unir e mesmo se confundir.” Já que, na prática, é comum observar que os movimentos muitas vezes buscam influenciar e direcionar processos de modernização, e transformação, incorporando elementos de movimentos sociais

---

<sup>2</sup> Entende-se por movimentos sociais “ações coletivas com um determinado propósito, cujo resultado, tanto em caso de sucesso como de fracasso, transforma os valores e instituições da sociedade” (CASTELLS, 2000, p. 20)

específicos em sua abordagem. Essa estratégia está muitas vezes associada à adaptação dos movimentos históricos a contextos socioeconômicos particulares, onde buscam moldar e controlar o curso da modernização e das mudanças de acordo com seus objetivos ideológicos ou políticos. Essa interação dinâmica entre movimentos históricos e sociais revela uma complexa rede de influências e negociações que ocorrem em sociedades em constante evolução. (TOURAINÉ, 2006).

Além disso, os movimentos sociais são formados por indivíduos, e isso significa que os movimentos sociais se constituem também por emoções, que são derivados de algum evento significativo, que ajuda os indivíduos que fazem partes dessas lutas a superar o medo e desafios de poderes constituídos, apesar do perigo que podem gerar suas ações (CASTELLS, 2013, p.157).

Isso quer dizer que movimentos sociais não surgem apenas como resultado da pobreza ou do desespero político, eles também podem nascer de aspectos emocionais. Ou seja, isso quer dizer que os movimentos surgem quando a emoção é convertida em ação.

Dessa forma, Castells (2012) ressalta a importância de emoções como raiva, entusiasmo e medo, relacionadas respectivamente a busca por justiça, engajamento e superação, e, além disso, algo que contribui muito para esse aspecto é a internet, que possibilita o compartilhamento e identificação com os outros indivíduos num processo de ação comunicativa.

Os movimentos sociais ressaltam a importância de ter um espaço de socialização coletiva, seja ele virtual ou físico, onde as pessoas podem se reunir, trocar ideias, informações, e mobilizar-se em pró de alguma causa ou luta por seus direitos, especialmente em questões relacionadas à igualdade de gênero e à superação de estruturas patriarcais.

### 3.2 NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Segundo Pereira (2011, p.102) “o papel dos movimentos sociais contemporâneos é o de promover a democratização das relações sociais dentro da sociedade civil, através da redefinição de papéis, normas, identidades (individuais e coletivas) conteúdos e modos de interpretação de discursos existentes na esfera pública.”, ou seja, os movimentos sociais buscam desenvolver mudanças por meio de lutas democráticas.

Com o acesso à comunicação, cada vez mais disseminado entre a população, propicia o desenvolvimento de meios de comunicação em larga escala, fundamentados em redes horizontais de comunicação multidirecional e interativa. Esse fenômeno é particularmente evidenciado pela utilização da Internet. Com base nessa tecnologia recente, os movimentos sociais contemporâneos têm estruturado suas organizações como ferramentas de engajamento na transformação social (CASTELLS, 2013).

Por esse motivo, as novas mídias digitais desempenham um papel fundamental nos movimentos sociais contemporâneos, por facilitarem a difusão de informações, criam oportunidades para participação e mobilização social, e promovem a autonomia desses grupos.

A ação política de pessoas conectadas em rede tem gerado dinâmicas de mobilização e organização renovadas, fortalecendo sua capacidade de atuação. A internet, caracterizada por sua abertura, possibilita a união de diversas perspectivas individuais sem depender de intermediários ou líderes, criando um espaço comum onde a conexão entre os participantes viabiliza a ação coletiva.

Mas, por outro lado, agora esse território é visto como um ativo sócio financeiro. Isso significa que a compreensão do território vai além de suas características geográficas e se concentra nas relações sociais e produtivas que ocorrem nele. Como explica Gohn, 2014, p.44:

O território agora passa a ser visto também sob a óptica de um ativo socio financeiro, porque é fruto de um conjunto de condições, predominando o tipo de relações sociais e produtivas que são desenvolvidas onde ele se localiza. Classe social, raça, etnia, grupos religiosos, recursos e infraestrutura passam a ser indicadores para a análise de um território e seus conflitos. (GOHN, 2014, p.44)

Essa dinâmica dos novos movimentos sociais abrange tanto as características locais e globais dos indivíduos que fazem parte. São locais porque suas lutas estão enraizadas em contextos específicos, mas também globais por estão interconectadas com o mundo por meio da internet.

Assim como define Castells (2012):

Indivíduos entusiasmados conectados em rede, tendo superado o medo, transforma-se num ator coletivo consciente. Assim, a mudança social resulta da ação comunicativa que envolve a conexão entre redes de redes neurais dos cérebros humanos estimulados por sinais de um ambiente comunicacional firmado por redes de comunicação. (CASTELLS, 2013, p.158)



Mas para além dessa constatação, é importante a construção de formas de como e porque a internet pode colaborar para uma luta ou causa, já que o desenvolvimento da internet como novo meio de comunicação e de informação é fundamental para os movimentos sociais contemporâneos. Isto porque, como sustenta Castells:

A comunicação de valores e a mobilização em torno do sentido são fundamentais. Os movimentos culturais (entendidos como movimentos que têm como objectivo defender ou propor modos próprios de vida e sentido) constroem-se em torno de sistemas de comunicação – essencialmente a Internet e os meios de comunicação – porque esta é a principal via que estes movimentos encontram para chegar àquelas pessoas que podem eventualmente partilhar os seus valores, e a partir daqui actuar na consciência da sociedade no seu conjunto (CASTELLS, 2004, p. 170)

Sendo assim, a configuração dos movimentos sociais na contemporaneidade é fortemente influenciada pelas tecnologias de comunicação. A fim de se adequarem e se alinharem com a realidade contemporânea.

Surgiu então o termo “novos movimentos sociais” para designar tais coletivos que não encontravam uma interpretação satisfatória na maioria das interpretações predominantes. Os “novos” movimentos sociais seriam principalmente os movimentos pacifistas, das mulheres, ambientalistas, contra a proliferação nuclear, pelos direitos civis e outros. Tais movimentos, a maioria de base urbana, estavam bastante afastados do carácter classista dos movimentos sindical e camponês, atuando, não raras vezes, em cooperação com o sistema econômico e no escopo político das instituições vigentes. (MACHADO, p.253)

Essas ações coletivas demandam modificações em suas dinâmicas para se adequar às circunstâncias contemporâneas. A disseminação generalizada da Internet e das mídias digitais na sociedade está resultando em uma profunda influência sobre as interações humanas.

"Os movimentos sociais em rede, como todos os movimentos sociais da história, trazem a marca de sua sociedade. São constituídos de indivíduos que convivem com as tecnologias digitais no mundo híbrido da realidade virtual" (CASTELLS, 2013, p.170).

Essa nova geração de atores sociais exhibe conjuntos de valores, objetivos e estruturas organizacionais diretamente vinculados à cultura da autonomia.

O conceito de autonomia é mais amplo, já que pode se referir a atores individuais ou coletivos. Autonomia refere-se à capacidade de um ator social tornar-se sujeito ao definir sua ação em torno de projetos elaborados independentemente das instituições da sociedade, segundo seus próprios valores e interesses. A transição da individuação para a autonomia opera-se por meio da constituição de redes que permitem aos atores individuais construir sua autonomia com pessoas de posição semelhantes nas redes de sua escolha. Eu afirmo que a internet fornece a plataforma de comunicação organizacional para traduzir a cultura da liberdade, na prática da autonomia. Isso porque a tecnologia da internet incorpora a cultura da liberdade, como mostra o registro histórico de seu desenvolvimento. (CASTELLS, 2013 p. 168).

As tecnologias não apenas assumiram um papel crucial na organização e coordenação desses coletivos sociais, mas também deram origem e autonomia aos novos movimentos sociais e modalidades de ativismo. Estes últimos se destacam por sua crescente atuação em redes, pela criação de amplas alianças e pela agregação de grupos identitários, muitas vezes com base em afinidades geográficas, culturais, linguísticas ou na partilha de valores específicos.

Diversos coletivos feministas aproveitam as oportunidades oferecidas pela tecnologia digital para ampliar suas vozes e suas causas. Alguns exemplos notáveis incluem o movimento #MeToo, que começou como uma hashtag viral nas redes sociais, permitindo que mulheres do mundo todo compartilhassem suas experiências de assédio sexual e abuso. Esse movimento teve um impacto global significativo, gerando discussões e ações em todo o mundo contra o assédio sexual e a violência de gênero.

Outro exemplo notável de movimento social, é a própria coletiva Papel Mulher, que desenvolve um trabalho de divulgação da escrita de mulheres, na tentativa de levar essas vozes para as ruas, reescrever histórias mal contadas, e colocar em pauta as vivências de mulheres por meio de lambe-lambes espalhados pelas ruas de cidades brasileiras e de outros países, além também da divulgação nas redes sociais da coletiva. Tudo isso é um trabalho em conjunto que une diversas mulheres ao redor do mundo e tudo isso só é possível pela existência das redes sociais, que permite que mulheres com objetivos em comum se encontrem e coloquem em prática e desenvolvam ações apesar das barreiras geográficas.

Esses exemplos demonstram como a internet tem se tornado uma ferramenta poderosa para os coletivos, principalmente os feministas, permitindo que se mobilizem e aumentem a conscientização sobre as questões de gênero. A internet acaba por facilitar a conexão de pessoas em todo o mundo que compartilham preocupações e objetivos comuns, ampliando o alcance e o impacto desses movimentos.

#### 4. ARTE, ESPAÇO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Desde tempos imemoriais, a arte tem servido como uma linguagem primordial de expressão para a humanidade. A expressão artística é o veículo pelo qual o ser humano tem em vista representar e comunicar aspectos essenciais de seu ambiente social.

De acordo com Buoro (2000, p. 25) “entendendo arte como produto do embate homem/mundo, consideramos que ela é vida. Por meio dela o homem interpreta sua própria natureza, construindo formas ao mesmo tempo em que se descobre, inventa, figura e conhece.”

Se a cidade contemporânea insere o indivíduo em uma lógica de contínuo movimento, se faz necessário que se desenvolva novas maneiras de se comunicar dentro das condições instituídas pelo urbano. Nesse sentido, os locais de trânsito passam a ser espaços potenciais para a comunicação, e novas estratégias e ferramentas passam a ser elaboradas. (SILVA, 2015, p.10)

Nesta situação, o lambe-lambe, utilizado como efeito de produzir sentido pela comunicação visual/escrita nos espaços públicos, as quais são espaços onde existe um trânsito de pessoas pela rua, e são visualidades que diariamente alcançam grupos de pessoas e, de alguma forma, as provocam a pensar ou a interagir com esse espaço. Assim a cidade em movimento passa a caracterizar permanentemente novos contextos, com as mensagens expostas nesses lambe-lambes que têm potencial estratégico de comunicar algo ou gerar um desvio de olhar.

Segundo Melendi (2005, p.41) “A palavra desvio serve para indicar o caminho que, devido ao impedimento na passagem ou para diminuir espaço e tempo de percurso, foge à rota comum; em suma: um atalho” neste sentido, o lambe-lambe pode ser usado como um desvio da realidade, onde indivíduos utilizam da rua como um atalho, e inscrevem suas expressões na paisagem urbana, como um fenômeno instigante e insurgente que faz com que o aspecto transgressor que faz dessas manifestações desvios, sejam de olhares, ou de pensamentos.

Além disso, o lambe-lambe é comunicação visual, já que são cartazes ou pôster artístico, que aparecem geralmente fixados em espaços públicos das grandes cidades.

Seguindo o pensamento de Silva (2015) que considera que:

Essas produções têm natureza intercambiável entre a arte e a comunicação, pois apresentam características estilísticas de ambos os campos e agregam estratégias comunicativas. Essas estratégias buscam promover a articulação e a organização dessa mídia e o público. E essa noção só é possível a partir das novas aberturas da arte e da amplificação dos canais da comunicação na contemporaneidade. (SILVA, 2015, p.11)

Seguindo essa lógica, é uma forma de se comunicar e se apropriar do espaço público onde indivíduos estão inscritos e inseridos, ou seja, são desvios de um discurso dominante, ou manifestações que se situam fora das instituições de dominação, com uma arte que não está atrelada a padrões estéticos consagrados.

Dewey (1959a, p. 148) diz que "a arte não é puramente interior, nem puramente exterior; nem meramente mental, nem simplesmente material. Como qualquer outra espécie de atividade, a arte produz mudanças no mundo".

A arte pode ser uma forma de transformação e de transcender no sentido que ela sai do plano individual (artista) e é interpretada pelo âmbito social, arte quando executante de um ambiente possui seus objetivos envolvidos na ação que desempenha, motivo pelo qual os sentimentos e ideias tornam-se meios para transformar as condições existentes.

Onde as diferentes artes podem se unir e se tornar permeáveis para uma maior visibilidade, como relata Santaella (2005, p.14-15):

As misturas entre comunicações e artes também se adensam, tornando suas fronteiras permeáveis. Empréstimos, influências e intercâmbios ocorrem em ambas as direções. As reproduções fotográficas de obras em livros, os documentários sobre arte, os anúncios publicitários que se apropriam das imagens de obras de arte, as réplicas tridimensionais de esculturas vendidas em museus, tudo isso foi levando o conhecimento sobre as artes para um público cada vez mais amplo, e um maior número de pessoas foi tomando conhecimento da existência da arte, de sua história e tendo acesso a ela [...]. (SANTAELLA, 2005, p.14-15)

A arte e a comunicação estão atreladas e podem ser híbridas, ou seja, a arte, em suas variadas expressões artísticas, cria ao seu espectador o interesse pela leitura e a interpretação da mensagem que ela traz, seja ela explícita ou não. Então ao ler a arte o indivíduo a cria da sua própria maneira, através da narrativa que é contada, e segundo através da sua própria interpretação, ou seja, sua própria narrativa.

Além disso, a arte é um dos meios mais favoráveis para se introduzir cultura, principalmente por ser de uma maneira agradável e satisfatória de se sentir inserido em um determinado lugar. Tendo a noção do poder que exerce sobre as pessoas, ela tende a mudar os conceitos e os paradigmas do indivíduo, deixando-o livre para despertar seus sentimentos e pensamentos.

Como questiona Lima (s/d). “não seria a experiência com a arte uma forma de garantirmos a liberdade de pensar, capaz de nos proporcionar saídas para o círculo vicioso que só tem nos trazido desesperança e sofrimento?”

Quando unimos a arte e os movimentos sociais, conseguimos atingir a população que está à margem da sociedade e dos recursos que os cidadãos recebem, e podem expor seus sofrimentos, preconceitos, seus medos e até a suas indignações. É uma forma de o cidadão ganhar direitos, ganhar voz e vez, podendo assim usufruir de seus direitos como cidadão. Muitas vezes, a arte pode ser uma maneira de educar para a vida, de gritar para ter uma voz que poderá ser ouvida ou vista e ser usada como um meio de transformação social. Assim como relata Lugão (2009 p.29-30):

A função social da arte fica nítida à medida que ela transforma e nos traz o conhecimento do mundo, não um conhecimento abstrato, mas afetivo e real. [...] A criação artística é a necessidade humana de perceber e entender a representação da realidade humano-social, de expressar e objetivar significados e valores coletivos. [...] Por meio da arte o sujeito torna-se consciente de sua existência social como fruto de diferentes práticas e relações sociais, e em determinado momento histórico (LUGÃO, 2009, p.29-30).

Arte é um meio do indivíduo se tornar coletivo, de trazer seus sentimentos, medos, indignação e angústias à tona, para assim entender a sua visão de mundo e a entender o contexto da realidade que está ao seu redor, a arte além de ajudar a suportar a realidade, pode ajuda também a transformá-la.

De acordo com Trojan (apud PEIXOTO, 2001, p. 109):

A arte, com a riqueza de sua simbologia, “possibilita ao ser humano uma forma de suspensão da realidade, a partir da qual retorna ao dia-a-dia transformado e enriquecido, ou seja, com a sua compreensão da realidade humana ampliada”. Isso “faz com que o indivíduo singular se identifique com a humanidade em geral” e possa se perceber “... particularmente mais humano ao mesmo tempo em que compartilha esses significados e se sente parte da humanidade” (TROJAN, apud PEIXOTO, 2001, p. 109)

Assim como um determinado espaço social inspirou um artista a criar sua arte, a expor suas ideias e pensamentos. A arte desse artista pode produzir um efeito de identificação nas pessoas e inspirá-las a querer mudar e a transformar uma cena social.

A mudança social ou transformação social, consiste, basicamente, na transformação da sociedade, assim como da sua organização. Em síntese, trata-se de atitudes relacionadas a hábitos e costumes quando fazem parte do dia-a-dia das pessoas.

Segundo Rocher (1992, p.143-165) “a sociedade não é somente a ação social de uma pluralidade de pessoas; ela não se reduz tão pouco a uma forma ou outra de organização social. Ela é também movimento e mudança de uma coletividade através do tempo”. Isso quer dizer que a transformação social só acontece ao ter um fenômeno ou movimento coletivo, uma mudança social só é possível ao ter uma mudança contínua de uma estrutura, ou uma mudança da organização social da qual os indivíduos estão inseridos.

Por isso, conforme o sociólogo Rocher (1992) a mudança social não é provisória, é constante e por isso afeta o desenvolvimento da sociedade.

#### 4.2 COLETIVOS E O FAZER ARTE

Os coletivos utilizam da arte como meio de manifestar suas ideias devido à singular capacidade da arte de servir como veículo de expressão criativa, comunicação não verbal e mobilização emocional. A arte transcende barreiras culturais e linguísticas, tocando profundamente as emoções das pessoas e provocando reflexões sobre questões complexas.

Segundo Zinn, a rebelião começa como qualquer coisa cultural:

Um poema pode inspirar um movimento. Um panfleto pode desencadear uma revolução. A desobediência civil pode incitar muita gente e levá-la a pensar. Quando nos organizamos em conjunto, quando nos envolvemos, quando nos colocamos de pé e nos pronunciamos coletivamente, podemos criar um poder que governo algum pode suprimir (LIPPARD, 1984, p.5)

Além disso, a arte envolve o público de maneira direta, promovendo a participação ativa e a mobilização social. Ela permite a exploração de questões profundas, a resistência contra sistemas injustos e a preservação da cultura e da história. A escolha de utilizar a arte como meio de manifestação de ideias é fundamentada na sua capacidade única de criar impacto, estimular reflexões e promover mudanças significativas na sociedade.

A partir do pressuposto que “a arte como conhecimento da realidade pode nos revelar um pedaço do real, não em sua essência objetiva, tarefa específica da ciência, mas em relação com a essência humana” (LUKÁCS, 1966, p. 311). Assim, ao usar da arte para reforçar o desenvolvimento de estruturas que promovam a autonomia e resistência dos movimentos sociais, pode facilitar a criação de abordagens que facilitem a superação das limitações cotidianas, capacitando, assim, os indivíduos a reconhecerem-se como agentes coletivos. Neste sentido, como cita Dangelo, 2009 “Os coletivos têm esse espírito de fazer a coisa juntos e

valorizar um campo de transversalidade, no qual a arte vai conversar com a política, economia, arquitetura, com os movimentos sociais”.

Da mesma forma, o conceito de <sup>3</sup>arte-ativismo tem o potencial de surpreender um público não convencional, como um grupo improvável de transeuntes que, em uma segunda-feira sombria em Nova York, se encontra olhando para o céu para testemunhar uma performance de malabarismo ao estilo de <sup>4</sup>Petit. Esse fenômeno representa a capacidade da arte de deslocar elementos de seu contexto usual e impactar as pessoas de maneira inesperada. Quanto ao seu impacto real, só pode ser avaliado através da experiência.

De acordo com <sup>5</sup>Felshin (2001), a autora descreve as cinco principais características dos coletivos de arte ativista, tais como:

- <sup>6</sup>1. A dimensão procedimental, tanto em suas modalidades quanto em suas abordagens;
2. Execução das práticas geralmente em locais públicos, afastando-se, assim, dos espaços tradicionais de 'exibição artística', com o objetivo de aproximar a arte cada vez mais das atividades cotidianas;
3. A dimensão temporal de certas intervenções, como, por exemplo, na realização de espetáculos e instalações de curta duração;
4. Utilização de técnicas típicas dos meios de comunicação predominantes, como o uso de cartazes e anúncios publicitários para transmitir mensagens que desafiam a intenção convencional dessas formas comerciais;

---

<sup>3</sup> “Embora artistas ‘políticos’ e ‘ativistas’ sejam, frequentemente, as mesmas pessoas, a arte “política” tende a ser socialmente preocupada, enquanto a arte “ativista” tende a ser socialmente envolvida.” (LIPPARD, 1984)

<sup>4</sup> Durante quarenta minutos, o francês Philippe Petit andou numa corda bamba estendida entre as torres gêmeas, a quatrocentos metros de altura, sem nenhum dispositivo de segurança.  
<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/um-outro-crime/#:~:text=Durante%20quarenta%20minutos%2C%20o%20franc%C3%AAs,deitou%20para%20ver%20o%20c%C3%A9u.>

<sup>5</sup> Originalmente em língua inglesa: But is it art? The Spirit of Art as Activism.

<sup>6</sup> Referência do texto da autora traduzido em língua espanhola pela Universidad de Salamanca, do qual se constituiu a introdução do livro But is it art?, editado originalmente em 1995 pela Bay Press em Seattle, EUA. Tradução do texto por Paloma Blanco. Tendo em vista que as citações serão aqui traduzidas livremente para o português, deixamos aqui essa nota de aviso da dupla tradução.

5. Emprego de métodos colaborativos, com ênfase na pesquisa coletiva e na organização conjunta como elementos centrais. Esta última característica, talvez, seja a mais distintiva é comum a esses grupos (FELSHIN, 2001, p.60).

Conforme apontado por Felshin (2001), os principais propósitos desses grupos seriam: ampliar a representatividade e visibilidade de indivíduos historicamente marginalizados em termos de participação e direitos; e estabelecer uma ligação mais abrangente entre a arte e um público mais amplo, tentando, dentro do possível, transcender as barreiras dos espaços institucionais de apreciação artística, aproximando, assim, os processos de criação artística do público.

Nesse contexto, a tecnologia e a globalização desempenham também papéis fundamentais, atuando como aliados do fenômeno do arte-ativismo. Esses elementos possibilitam a disseminação das manifestações artísticas e da mensagem por trás delas em uma escala global, desafiando as coisas como são por meio da expressão artística.

Assim como Felshin (2001) relata que as ações dos coletivos que usam arte como forma de ativismo:

[...] se constituem, assim, como um exemplo de prática cultural viável que, por um lado, se inspira e tira proveito da cultura popular e política, da tecnologia e da comunicação de massas provenientes 'do mundo real', e por outro, é herdeira das experiências provenientes do âmbito artístico: a arte conceitual e o pósmodernismo crítico. Em conjunto estas práticas estão expandindo de um modo criativo as fronteiras da arte e do público, e redefinindo o papel do artista (FELSHIN, 2001, p. 76).

Coletivos que empregam a arte como ferramenta de mobilização constituem grupos sejam de artistas e ativistas, ou ambos que se unem com o propósito de criar e disseminar obras artísticas com o intuito de impulsionar as transformações sociais, políticas e culturais. Esses coletivos podem usar uma variedade de meios artísticos, como música, dança, teatro, pintura, escultura, literatura e mídia digital, a fim de expressar suas concepções, incitar a reflexão e mobilizar o público em relação a temas prementes.

As temáticas abordadas por esses grupos podem abranger questões de justiça social, direitos humanos, equidade de gênero, preservação ambiental, diversidade e outras de relevância contemporânea. Os coletivos desempenham um papel significativo na conscientização pública e na promoção de mudanças positivas tanto em suas comunidades quanto em âmbito mais amplo.



Como exemplificação, menciona-se aqui alguns coletivos notáveis que recorrem à arte como instrumento de mobilização. Um exemplo notável é o<sup>7</sup> "Coletivo Nós, Mulheres da Periferia", que reúne mulheres de comunidades periféricas do Brasil. Este coletivo utiliza a poesia, a música e outras formas de expressão artística para dar voz às experiências e desafios enfrentados por mulheres marginalizadas. Através da arte, eles buscam promover a igualdade de gênero e empoderar as mulheres a se reconhecerem como agentes de mudança.

O<sup>8</sup>Coletivo Bijari", desenvolvido em São Paulo, concentra-se em intervenções urbanas e instalações artísticas que desafiam as normas culturais e sociais. Suas obras frequentemente ocupam espaços públicos, convidando o público a participar de uma reflexão crítica sobre o ambiente urbano e as questões que o cercam.

“De certa forma, tais manifestações nem sempre são vistas como arte, mas desempenham em suas funções uma tarefa similar ao apropriar-se de configurações estéticas, potencialmente criativas, sobre o social, o simbólico e o político.” (MESQUITA, 2006).

Nesse contexto, a arte-ativismo desempenha a função de assimilar representações estéticas do simbólico e, posteriormente, configurá-las sob a influência da subjetividade do coletivo artístico. Essa reconfiguração é orientada pelas demandas sociais, visando à mobilização popular em torno de questões específicas ou reivindicações.

Ou seja, manifestações artísticas podem mediar um teor de engajamento e ação social, logo, um teor propriamente político. Nesta via de produção de sentido e de material simbólico, artistas e não-artistas participam de diferentes maneiras sobre diversas situações que carregam um certo clamor político e de mudança social. Há, pois, a relação entre “arte” e “ativismo”, isto é, uma atividade ou manifestação que visa mudança sociais e /ou políticas (OLIVEIRA; ALVES, 2013)

Os coletivos ativistas mantêm esse caráter híbrido, de “um pé no mundo da arte e outro no do ativismo político e dos movimentos sociais” (FELSHIN, 2001, p. 73).

Enfatiza-se que a arte, o ativismo e os movimentos sociais são interligados, e as produções artísticas podem ser uma força poderosa para promover a conscientização e a mudança social e política. Reconhece-se que a arte vai além da estética, servindo como uma plataforma para a expressão de preocupações e demandas fundamentais da sociedade. O

---

<sup>7</sup>Disponível em: < <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/quem-somos/> > Acesso em: 15 de agosto de 2023.

<sup>8</sup>Disponível em: < <https://bijari.com.br/>> Acesso em: 15 de agosto de 2023.

engajamento político e social por meio da arte é uma maneira valiosa de criar um impacto por onde ela passa ou está presente.

## 5. COMUNICAÇÃO ESTRATÉGICA E A ARTE DE TRANSMITIR IDEIAS

Atualmente a comunicação é percebida como importante instrumento que serve para estreitar ainda mais a relação entre o emissor e seus perceptíveis receptores (os públicos), ou seja, pode auxiliar um produto ou meio a atingir o seu objetivo, considerando toda a dinâmica que os envolve. Então, se a comunicação for trabalhada de forma eficiente e estratégica, ela pode ser utilizada para transformar realidades e contribuir na transformação social.

Além disso, não se pode negar que a comunicação permeia a sociedade de diversas maneiras e formas, e é a condição básica de sociabilidade, que pressupõe trocas entre indivíduos, a fim de transmitir de um para o outro, experiências e conhecimentos. (PERLES, 2007).

É notável o poder que a comunicação exerce no mundo contemporâneo. Essa comunicação precisa ser considerada não meramente como instrumento de divulgação ou transmissão de informações, mas como processo social básico e como um fenômeno presente na sociedade. Deve ser concebida como um poder transversal que perpassa todo o sistema social global (KUNSCH, 2014).

Assim sendo, a comunicação possui a habilidade intrínseca de gerar, promover e ativar o conhecimento, demonstrando-se como um veículo portador de um significativo capital social. Este capital social também engloba a capacidade de colaboração, estabelecimento de redes de relacionamento, gestão de conflitos de maneira democrática e, em última análise, a construção de comunidades (FRANCO, 2002).

Assim como a questão levantada por Henriques (2004) que foca no sentido que:

[...] a ação comunicativa, em projetos de mobilização orientados para a geração de co-responsabilidade, tem a função de criar e manter vínculos, uma interação própria com e entre os seus públicos, através do compartilhamento de sentidos e de valores, assumindo, portanto, um caráter pedagógico. (HENRIQUES, 2004).

Isso quer dizer, que a comunicação desempenha um papel multifacetado, abrangendo não apenas a construção de conexões sociais e disseminação de conhecimento, mas também a formação e conscientização em torno de ideologias, além de conseguir catalisar a mobilização social, e deve ser usada de forma estratégica para atingir seus objetivos.

Segundo Carrillo (2014 p. 71-80):

A “comunicação estratégica” não é sinónimo de “estratégias de comunicação”. A comunicação estratégica necessita de recorrer a todas as formas de comunicação disponíveis para satisfazer os seus objetivos. Cada uma destas formas será delimitada

pela sua própria tática e pelos seus próprios planos de ação, constituindo aquilo que é muitas vezes referido como “estratégias de comunicação” parciais. (CARRILLO, 2014 p. 71-80).

Neste sentido, então, a somatória de todas as estratégias de comunicação será o que dará a abertura para falar em comunicação estratégica, ou determinar se uma comunicação é realmente estratégica ou não.

Nesta mesma estrutura a autora Carrillo (2014 p. 71-80) traz em seu conceito que:

A comunicação estratégica deve ser uma comunicação gerida. Um aspecto importante consiste em compreender que a comunicação não pode ser estratégica se não for gerida. Gerir algo significa intervir, agir sobre os seus elementos para os alterar de modo a obter algum tipo de vantagem. Gerir a comunicação implica utilizar os recursos disponíveis para atingir determinado fim. (CARRILLO, 2014 p. 71-80).

No contexto da comunicação estratégica em movimentos sociais, é fundamental reconhecer que esses movimentos “geram uma série de inovações nas esferas pública (estatal e não-estatal) e privada; participam direta ou indiretamente da luta política de um país, e contribuem para o desenvolvimento e a transformação da sociedade civil e política.” (GOHN, 2012).

Para uma compreensão mais abrangente do conceito de comunicação estratégica no contexto dos movimentos sociais, Mendonça (2011, p. 18) acrescenta que estudiosos como Doug McAdam (1996) e Alberto Melucci (1996) analisaram de que maneira esses movimentos desenvolvem estratégias comunicativas em contextos políticos e culturais específicos, com o propósito de tornar suas causas e argumentos mais visíveis. Nesse processo, é crucial que eles concebem estratégias alinhadas com os quadros interpretativos culturalmente disponíveis.

Segundo Mendonça (2011, p21) “A comunicação não unifica subjetividades, mas possibilita o surgimento de uma intersubjetividade fundante que é essencial para a emersão de identidades coletivas.” Nesta linha, trabalhos como os de Toro e Werneck (2004) e Henriques (2004), os quais ressaltam a relevância da comunicação para convocar vontades em torno de um propósito comum: “A mobilização não se confunde com propaganda ou divulgação, mas exige ações de comunicação no seu sentido amplo, enquanto processo de compartilhamento de discurso, visões e informações” (TORO; WERNECK, 2004, p. 67).

Essa abordagem revela a aplicação de estratégia de comunicação, uma vez que requer uma análise das ações dos movimentos a serem tomados ou comunicados pelos coletivos, bem como o cuidado com a imagem do movimento e o foco em alcançar os seus objetivos. Em

resumo, esses aspectos são de importância fundamental para maximizar a visibilidade na mídia, o que se configura como um elemento crucial para a manutenção efetiva dos movimentos sociais.

Entretanto, na era da informação, a comunicação estratégica voltada para a geração de mobilização adquire uma proeminência singular e se manifesta de modo diferente. Isso ocorre porque ela se caracteriza por ser relativamente sem custo e apresenta uma dimensão lúdica, proporcionando uma ampla variedade de modelos e variedades de meios de haver uma mobilização no ciberespaço. (DATRINO, 2019).

A partir disso, percebe-se que tanto o direito que se constitui a partir das lutas e interações sociais físicas pode também ser transposta às redes. Ou seja, “o ciberespaço é a rua onde múltiplos agentes sociais constroem uma inteligência coletiva capaz de articular reivindicações, discursos e novos modos de pensar graves negações de direitos como, por exemplo, aquelas sofridas pelas mulheres em estruturas patriarcais” (BECKER, 2016 p.312)

Pierre Lévy (1999, p.17) define a cibercultura como “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais) de práticas, atitudes, modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (rede – interconexão mundial de computadores)”

Como indicado por Lemos (2009, é concebível considerar o ciberespaço como um paradigma de esfera pública com o potencial de expandir o capital social, reconfigurar as formas de comunidade e identidade, além de ampliar a participação política. Nesse contexto, podemos perceber as mídias contemporâneas como um elemento privilegiado do espaço público, embora seja importante ressaltar que, embora a colaboração e a conversação sejam fundamentais para a ação política, não se pode garantir a sua eficácia.

É neste sentido que surge o ciberativismo, que se define pela integração do uso da Internet nas atividades dos movimentos sociais. Os ativistas ou agentes de mudança social continuam a realizar suas práticas tradicionais, ao mesmo tempo em que desenvolvem novas estratégias. A utilização da plataforma digital por esses grupos tem o propósito, entre outros, de disseminar informações e reivindicações diretamente, sem a necessidade de intermediários. (VEGH, 2003, p.71)

Contudo, Pereira (2011, p.12) desenvolve uma outra abordagem que define que:

O ativismo online pode se desenvolver através de duas estratégias: a primeira é aquela na qual a Internet é utilizada como um apoio, de forma a fortalecer outras formas de ação política que já ocorriam fora da Internet, como por exemplo, o uso de e-mails e de plataformas sociais para informar os militantes sobre uma manifestação presencial que está a ser programada. Neste caso o Email é utilizado como mais um mecanismo para favorecer a mobilização. A segunda é aquela em que somente através da Internet a ação poderá ser realizada, tal como uma invasão de página ou um sit-in virtual, ou seja, a Internet é o meio no qual a ação se desenvolve. (PEREIRA, 2011, p.12)

Ou seja, ao falar de comunicação estratégica nas redes sociais, é importante considerar as duas variáveis, as estratégias usadas pelos coletivos e o ambiente digital, ambos podem ser usados de forma estratégica e em conjunto, sendo assim pensados para alcançar mais pessoas, para cumprir seus objetivos de divulgação ou de ação. (CORRÊA, 2005)

Buscar compreender o movimento, suas reivindicações, as manifestações e a comunicação utilizada nas redes sociais, com suas especificidades e níveis é de extrema importância para construir um passo inicial nesse âmbito de pesquisa, para que se possa, posteriormente, determinar um panorama real das relações dos usuários, população, poder público e política, ampliando, assim, os estudos na área da Comunicação midiática e movimentos sociais (BERNARDINI; GOBBI, 2013, p. 120).

Neste sentido, estratégia de comunicação pelos coletivos ou pelo ativismo online é conceituada como um processo que envolve a capacidade de antecipação, previsão de cenários e análise contextual, visando promover a condução de projetos com elevado nível de estabilidade. Em outras palavras, trata-se de uma abordagem que prioriza uma visão prospectiva e positiva do processo, com o propósito de otimizar sua eficiência e alcançar resultados satisfatórios. (HERBELÊ e SOARES, 2013).

Assim, é fundamental destacar que a elaboração estratégica da comunicação desempenha um papel central no estabelecimento de conexões significativas entre os públicos, coletivos e os projetos de mobilização social. Definidos como uma “reunião de sujeitos que definem objetivos e compartilham sentimentos, conhecimentos e responsabilidades para a transformação de uma dada realidade, movidos por um acordo em relação a determinada causa de interesse público” (MAFRA et al, 2004, p.36).

Adicionalmente, no contexto que entram organizações, sejam elas com ou sem fins lucrativos, ou de âmbito apenas social, as redes sociais constituem ambientes propícios para a divulgação de informações e a partilha de conhecimento, onde indivíduos que compartilham objetivos similares têm a chance de intercambiar experiências. Isso resulta na construção de sólidas redes de informações que detém relevância significativa para o domínio em que operam (TOMAÉL et al, 2005). Portanto, pode ser considerado um ambiente estratégico para os

movimentos sociais, já que estimula o debate, facilita a partilha de conhecimento e contribui para a formação de uma perspectiva coletiva.

Neste sentido, quando os movimentos sociais e os coletivos utilizam de vários meios para expandir suas ideias, como, por exemplo, a arte, a internet, a mobilização urbana, ativismo online, tudo isso passa a ser uma maneira de se comunicar de modo estratégico, a comunicação pode ser usada não só da forma escrita ou oral, mas por meio de imagem, de uma identidade, por meio de lambe lambes colados nas ruas, de fotos de lambe lambes postados nas redes sociais, o processo de se comunicar e de se inserir em vários meios já é uma forma estratégica, porque utiliza da melhor maneira o que está ao seu alcance para disseminar uma ideia que chegue aos públicos as quais se relacionam com esses mesmos pensamentos.

De acordo com Machado (2007) esse tipo de resistência estratégica se caracteriza por uma forma organizacional inovadora, na qual a informação é gerada e disseminada de maneira eficaz. Esse processo contribui para a expansão das atividades de produção, reprodução e compartilhamento, que envolvem a expressão de ideias, valores e interesses coletivos. Nesse sentido, pode-se afirmar que as redes se configuram como espaços públicos essenciais para fortalecer determinadas demandas sociais. Elas ampliam a escala das ações e proporcionam estratégias de atuação mais eficazes.

## 6. A ARTE É A VOZ DAS RUAS

Conforme visto anteriormente, a Coletiva Papel Mulher atua em prol da divulgação da escrita de mulheres, através da colagem de lambe-lambes e da divulgação de fotos tiradas dos lambes, no *Instagram* da Coletiva. Para cumprimento do objetivo geral e dos demais objetivos específicos deste trabalho, organizamos o corpus coletado em um quadro geral de conteúdos com a categorização destes conteúdos.

O período definido para coleta de corpus foram os meses de maio e junho de 2023. Foram coletadas no total 70 capturas de tela de posts da coletiva Papel mulher no *Instagram*. Nessa primeira categorização dos conteúdos foi elaborado um quadro que mostra especificamente qual a localização, quais são as autoras e as temáticas que existem nos conteúdos selecionados para a análise.

Importante destacar que nosso objetivo não é examinar a plataforma de mídia social na qual o conteúdo foi divulgado ou suas particularidades, mas sim analisar os elementos que revelam como a Coletiva Papel Mulher se comunica. Isso inclui examinar o discurso adotado em relação à causa que defendem, identificar as autoras mencionadas, explorar as temáticas abordadas e tentar compreender os significados transmitidos por meio desses conteúdos.

Quadro 2 - Caracterização geral das publicações

(Continua)

Localização	Número de postagens	Autoras	Número de postagens	Temáticas	Número de postagens
Cidade de Buenos Aires, Argentina	15	Virgine Daget	2	Textos Poéticos	26
Rio de Janeiro, Brasil	29	Hortência Siebra	1	Autonomia e Autoafirmação	5
Curitiba, Parana, Brasil	4	Flávia Saraiva	1	Igualdade de gênero	5
Salvador, Bahia	6	Carolina Maria de Jesus	1	Amor-próprio	4



(continuação)

Florianópolis, Santa Catarina	2	Debora Porto	2	Construção de identidade	3
São João del Rei, Minas Gerais	1	Bruna Lauer	1	Empoderamento feminino	3
São Paulo	2	Mariana Cardoso Carvalho	1	Desconstrução de normas de gênero	3
Unicamp	3	Fernanda Padilha	2	Mudança social	2
		Lélia Gonzalez	1	Medo e insegurança	2
		Maria Rocha	2	Arte e ativismo feminino	2
		Maria Galindo Neder	1	Emancipação feminina	2
		Camila Sosa Villada	3	Valorização das raízes e história feminina	1
		Maria Luiza da Silva Hastenreinter	1	Relações afetivas e autonomia	1
		Jackeline Valentin	1	Desigualdade de gênero	1
		Leticia Almeida	1	Sobrecarga e expectativas de gênero	1
		Juliana Feitosa	1	Discriminação das mulheres trans	1
		Marcinha Fontana	1	Objetificação do corpo feminino	1
		Fernanda França	1		

(continuação)

		Leilla Guerriero	2		
		Amanda Cadorin	1		
		Mila Bedin Polli	1		
		Cecília Meireles	2		
		Tainog	1		
		Georgia Annes	1		
		Bruno Santana	1		
		Jéssica Jardim	1		
		Isabel Arruda	1		
		Kalina Paiva	1		
		Thalita Monte Santo	1		
		Bárbara Vitoriano	1		
		Maria Vitoria	1		
		Luíza Antonitsch	1		
		Alejandra Pizarnik	1		
		Mariana Henriquez	2		
		Claudiana Abcabral	1		
		Alyne Fraguas	1		

(continuação)

		Silvana Rodrigues	1		
		Paula Maria	1		
		Letícia Bailante	1		
		Elayne Baeta	1		
		Apêagá	1		
		Hilda Hilst	1		
		Florencia Gattari	1		
		Mercedes Romero	1		
		Hilzonda Ligre	1		
		Amanda Assumpção	1		
		Mari Ferlo	1		
		LAMA (Alice Cavalcante de Andrade)	1		
		Camila Lourenço	1		
		Gisa Leão	1		
		Tatiana Leonel	1		
		Tawane Theodoro	1		
		Rosamaria Roffiel	1		

Fonte: elaborado pela autora

Para ordenação lógica do trabalho, vamos nos ater, primeiramente, ao quadro geral dos conteúdos, contidos no Quadro 2 - Caracterização geral das publicações. Em uma reflexão

primaria podemos destacar que as postagens da coletiva são feitas regularmente, sendo uma postagem por dia e às vezes até duas no mesmo dia, além dos posts das fotos dos lambe-lambes, também são feitas postagens de reuniões e convites para encontros nos estados do Brasil e em outros países, como na Argentina, também são divulgados nas redes os feitos da coletiva, os murais feitos de lambe-lambe em instituições públicas e datas comemorativas. Isso revela que a coletiva contém uma produção de conteúdo coerente ao ambiente digital, consoante à análise efetuada por Paulino (2013), a leitura em ambientes digitais se caracteriza por uma narrativa que conjuga elementos estáticos e dinâmicos, abrangendo não somente o texto escrito, mas também elementos multimídia como gráficos, áudio, vídeo e outros recursos similares.

Figura 1 - Captura de tela de publicação da Coletiva Papel Mulher



Fonte: *Instagram* da Coletiva Papel Mulher

Figura 2 – Captura de tela coletiva Papel Mulher



Fonte: *Instagram* coletiva Papel Mulher

A figura 1 e a figura 2, ambas foram postadas no mesmo dia, com as marcações de localizações diferentes, o que demonstra haver postagens com frequência devido à demanda constante de lambes colados.

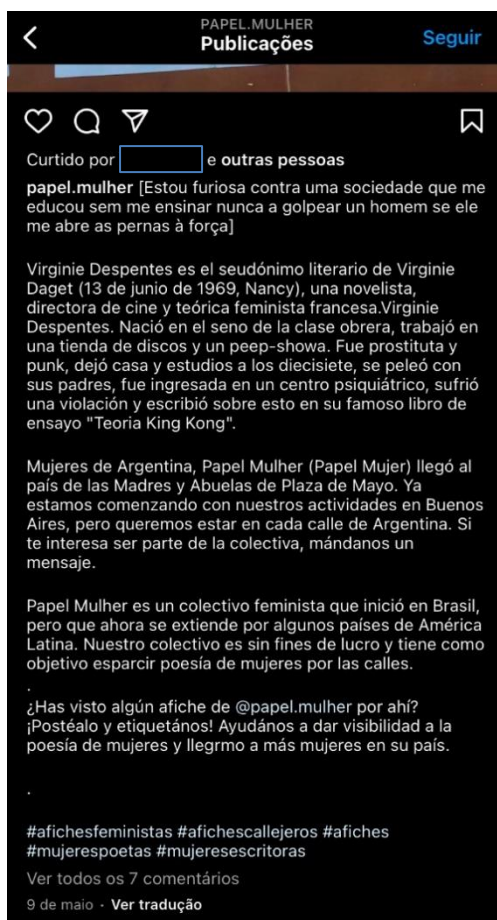
Outro ponto percebido, é que os lambe-lambes são escritos em português, quando são colados nos estados do Brasil, e escritos em língua espanhola quando são colados na Argentina. O mesmo acontece com as legendas das publicações, que quando são postadas as fotos com os lambes, em locais do Brasil e escritos em português, nas legendas os textos são traduzidos para a língua espanhola e o mesmo acontece com os lambes colados na Argentina, que são traduzidos para o português, como pode ser visto, por exemplo, nas figuras 3 e 4, logo a abaixo.

Figura 3 – Captura de tela da Coletiva Papel Mulher



Fonte: *Instagram* da Coletiva Papel Mulher

Figura 4 – Captura de tela coletiva Papel Mulher



Fonte: *Instagram* da coletiva Papel Mulher

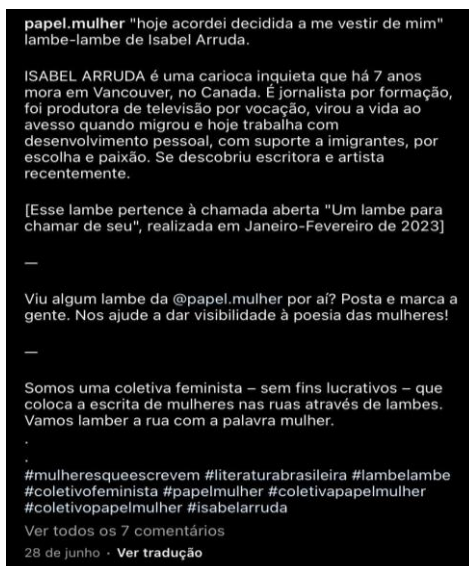
Durante a classificação também nota-se que as autoras usadas nos lambe-lambes são diversas e em poucas ocasiões se repetem, na maioria das vezes as mulheres não são figuras públicas, mulheres conhecidas, são mulheres das mais diversas profissões e que muitas vezes não tem obras publicadas por editoras, são mulheres comuns que escrevem por pura paixão, ou estão buscando uma oportunidade de serem publicadas, ou conhecidas, como, no exemplo abaixo, nas figuras 5 e 6. A Isabel Arruda é formada em jornalismo e atua na área de desenvolvimento pessoal, e se descobriu escritora. Assim como ela, muitas mulheres acabam se descobrindo escritoras ao longo da vida, ou, na verdade, sempre foram, mas só depois de muito tempo acabam se reconhecendo como tal.

Figura 5 – Captura de tela da coletiva Papel Mulher



Fonte: *Instagram* da coletiva Papel Mulher

Figura 6 – Captura de tela coletiva Papel Mulher



Fonte: *Instagram* da coletiva Papel Mulher

A localização onde são colados os lambes também é diversificada, como pode ser vista no quadro 2, das 70 capturas de telas categorizadas, 62 tinham a localização indicada nos posts, sendo 47 delas colados em estados do Brasil e 15 colados em Buenos Aires na Argentina.



As temáticas das publicações também são diversas, as mais citadas assim como se pode constatar no quadro 2, são: textos poéticos, autonomia e auto afirmação, igualdade de gênero, amor-próprio, construção de identidade, empoderamento feminino, desconstrução de normas de gênero, etc.

Destaca-se que o tema texto poéticos, é um tema onde foi classificado os lambes que contém textos que não se encaixam em categorias especialmente ligadas às lutas das mulheres, isso significa que essas mulheres, na sua escrita exposta no espaço público, reivindicam não só a visibilidade das pautas ligadas às lutas das mulheres, mas também oferecem na sua escrita, beleza e sensibilidade para esta cena pública tão dura para a maioria das pessoas. Neste sentido, Dewey (1959a, p. 148) argumenta que a arte não é estritamente uma expressão interna ou externa do indivíduo, tampouco se restringe apenas ao domínio mental ou material. De forma análoga a outras atividades, é por trás da arte que também se desencadeiam as mudanças no mundo. Isso quer dizer que quando as mulheres escrevem não só apenas sobre suas vivências, seus medos, sobre o machismo que elas sofrem, mas também escrevem textos bonitos, e poéticos, elas estão se colocando no mundo não só como uma figura feminina que só é representada por isso, mas se representam também como mulher, com outras vivências, com sonhos e que colocam no papel como observam o mundo através dos seus próprios olhos e que querem mostrar um mundo onde elas podem e querem viver.

O segundo estágio da pesquisa consiste na aplicação de uma análise, e baseando-se nos movimentos e giros hermenêuticos propostos pela hermenêutica crítica feminista de Fiorenza (2009). Nesse estágio, procedemos a uma análise meticulosa visando a direcionar nossa compreensão dos conteúdos obtidos e previamente categorizados. Isso nos permite uma compreensão mais aprofundada da atuação Da coletiva "Papel Mulher" enquanto movimento social engajado na promoção da escrita das mulheres nos domínios público e digital. Nesse contexto, são identificadas as categorias nas quais os discursos serão submetidos a fim de conduzir uma análise eficiente.

Quadro 3 – Resumo dos giros Hermenêuticos Fiorenza (2009)

(Continua)

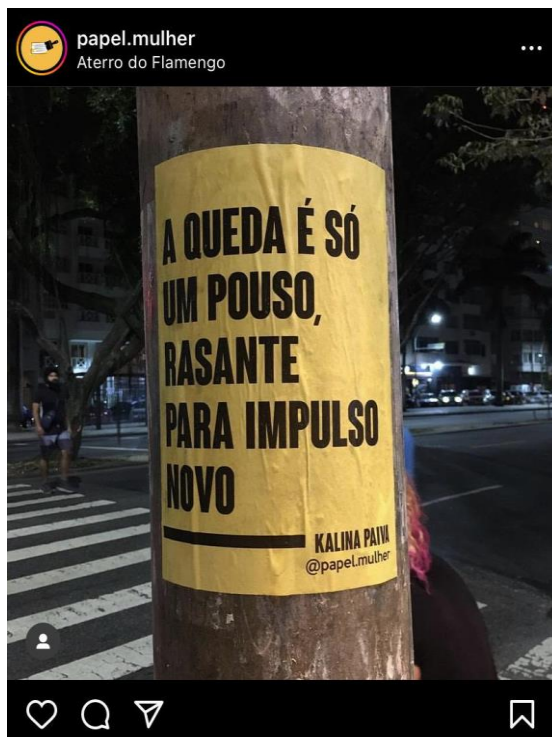
<b>Giro</b>	<b>Descrição</b>
Hermenêutica da Experiência	Abrangerá discursos oriundos de vivências pessoais e emoções, conforme sugere a denominação, evidenciadas nas narrativas. É relevante ressaltar, como Fiorenza (2009) sustenta, que não se pode conceber uma experiência uniforme compartilhada por todas as mulheres, mas sim uma gama diversificada de vivências.
Hermenêutica da Dominação e do Lugar Social	Essa hermenêutica não somente auxilia na compreensão de como as relações de dominação são percebidas pelas escritoras, mas também possibilita a análise do indivíduo em sua posição social, conforme destacado por Fiorenza (2009), esse "lugar social" considera elementos como classe social, raça, gênero, e outras distinções sociais.
Hermenêutica da Suspeita	Essa hermenêutica engloba os discursos que adotam uma abordagem questionadora, procurando suscitar incertezas em relação às estruturas de dominação e experiências. Além disso, visa interpretar ou esclarecer o significado dos conceitos de feminino e masculino.
Hermenêutica da Avaliação Crítica	Essa Hermenêutica pode ser considerada uma extensão da categoria da "Suspeita". Sua finalidade reside em abarcar a diversidade de significados contidos nos discursos, avaliando-os no contexto dos valores emancipatórios do feminismo.
Hermenêutica da Imaginação Criativa	Essa categoria compreenderá discursos que apresentam uma visão utópica, onde as escritoras, em sua imaginação, enxergam uma possibilidade de um mundo mais justo e empático.

(continuação)

Hermenêutica da Ação Transformadora	Essa hermenêutica abrange os discursos cujo objetivo é a modificação das relações de dominação, nos quais as escritas das mulheres assumem o compromisso de trabalhar em prol de um futuro mais equitativo. Diferentemente da categoria anterior, na qual os discursos se concentram na concepção de um futuro melhor, esta categoria engloba discursos nos quais se observa o comprometimento das autoras com a implementação de ações efetivas.
Hermenêutica da Relembração e da Reconstrução	Essa hermenêutica que segundo a interpretação de Fiorenza (2009), se concentra na reconstrução da história e da memória do sofrimento das mulheres. Assim, é essencial recuperar e reconstruir as histórias e memórias.

Fonte: elaborado pela autora

Figura 7 - Captura de tela que exemplifica a temática “Textos poéticos”



Fonte: *Instagram* coletiva Papel Mulher

A temática “Textos poéticos” que se exemplifica na figura 7 acima, e encaixa na “Hermenêutica da Experiência” e na “Hermenêutica da imaginação criativa”. Os textos poéticos são uma forma poderosa de expressão das vivências e sentimentos das autoras. Elas lidam frequentemente com questões pessoais, emocionais e culturais, oferecendo uma janela para a experiência feminina. A Hermenêutica da Experiência e da Imaginação Criativa ajudam a explorar essas expressões de uma maneira sensível e contextualizada. Isso é especialmente importante quando se trata de textos poéticos. Eles permitem que as mulheres compartilhem suas experiências pessoais de maneira única, contribuindo para a diversidade de narrativas e a compreensão mais ampla da experiência feminina. A Hermenêutica da Experiência enfatiza a importância de compreender a experiência pessoal do poeta, enquanto a Hermenêutica da Imaginação Criativa enfatiza a importância de usar a imaginação para se colocar no lugar do poeta e compreender sua visão de mundo.

Segundo Castells (2013) como apresentado anteriormente no Capítulo três, é importante destacar a importância das emoções para os movimentos sociais. Os movimentos

sociais são formados por indivíduos, e esses indivíduos são motivados por uma variedade de emoções, e essas emoções são essenciais para a mobilização desses indivíduos e para a construção de um senso de identidade coletiva, ou seja, quando mulheres escrevem sobre suas emoções, como a esperança, a tristeza, ou raiva, pode ajudar as mulheres a se identificarem umas com as outras e a perceber que não estão sozinhas, gerando um sentimento de coletividade, que é essencial para os movimentos sociais.

Figura 8 – Captura de tela que exemplifica a temática “Autonomia e autoafirmação”

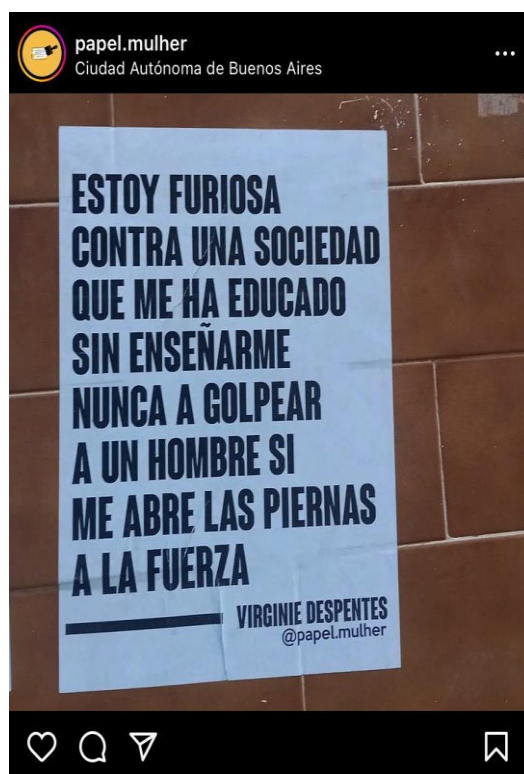


Fonte: *Instagram* da coletiva Papel Mulher

A temática “Autonomia e autoafirmação” como se exemplifica na figura 8 acima, se encaixa na “hermenêutica da dominação”, que se concentra em reconhecer e compreender como sistemas de poder operam para dominar e oprimir certos grupos, como as mulheres. Quando as mulheres escrevem e buscam autonomia e auto afirmação e incentivam outras mulheres a fazerem o mesmo, muitas vezes envolve a decisão de se desvincular de lugares e sistemas sociais que as oprimem. Essa desconexão é uma forma de resistência à dominação e de busca por uma identidade e uma vida mais autêntica e ligada à construção e à expressão da sua identidade. As mulheres que buscam autonomia muitas vezes só a fazem ao afirmar sua identidade, suas crenças e seus direitos, desafiando assim as normas impostas pela dominação.

Segundo Garcia e Sousa (2016, p.992), como visto no Capítulo três, os grupos feministas abrem espaços onde as mulheres se organizam para lutar por seus direitos e por uma posição legitimada na sociedade. Nesses grupos, inúmeras discussões e intervenções sobre o universo feminino são realizadas, e neste sentido a coletiva Papel mulher ao explorar a temática “Autonomia e autoafirmação”, pode contribuir para o fortalecimento da luta e para a promoção da mudança social. A poesia pode ajudar as mulheres a se organizarem, a se conscientizarem e a lutar por seus direitos.

Figura 9 - Captura de tela que exemplifica a temática “Igualdade de gênero”



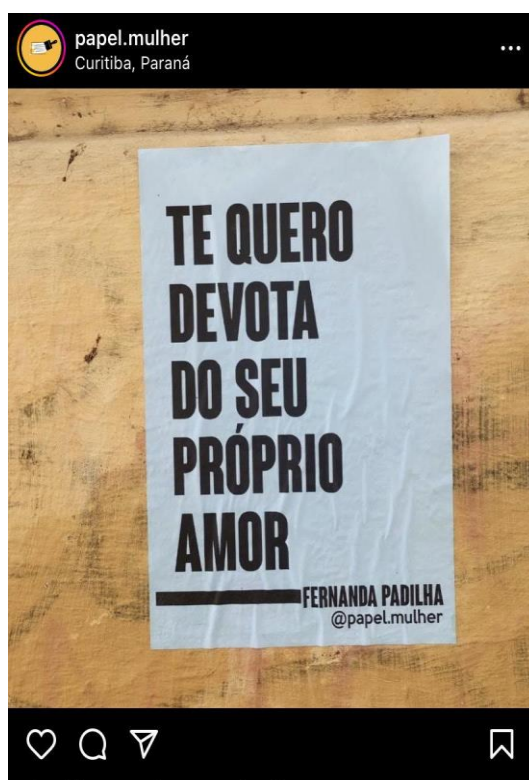
Fonte: *Instagram* da coletiva Papel Mulher

A temática “Igualdade de gênero” como exemplificada na figura 9, acima se relaciona com a “hermenêutica da suspeita” que visa desafiar e desconstruir as estruturas de poder e dominação enraizadas na sociedade. Quando essas mulheres questionam estereótipos de gênero, as violências de gênero, e normas sociais que limitam as oportunidades e liberdades das mulheres. Isso contribui para uma mudança na percepção e aceitação das normas de gênero tradicionais. A igualdade de gênero é um tema que frequentemente envolve a desconstrução das normas que perpetuam a desigualdade. Isso inclui a análise crítica de como os discursos são construídos e mantidos. Isso ajuda a desvendar as estruturas de dominação, questionar os

discursos de gênero e promover uma análise crítica das normas de gênero para avançar em direção a uma sociedade mais igualitária.

Os coletivos de arte ativista, conforme apontado por Felshin (2001), visto no capítulo quatro, têm como principais propósitos ampliar a representatividade e visibilidade de mulheres historicamente marginalizadas e estabelecer uma ligação mais abrangente entre a arte e um público mais amplo. Percebe – se que esses propósitos estão diretamente relacionados a coletiva Papel Mulher e à temática da igualdade de gênero, pois visam promover a participação e os direitos das mulheres na sociedade e na arte.

Figura 10 - Captura de tela que exemplifica a temática “Amor-próprio”



Fonte: *Instagram* da coletiva Papel Mulher

A temática “Amor-próprio” como exemplificada na figura 10 acima, se encaixa na “Hermenêutica da Ação Transformadora” por se tratar de textos que incentivam as mulheres a se amar e se colocar em primeiro lugar, ou seja, o amor-próprio não se limita ao indivíduo, pois o empoderamento pessoal se converte em uma força coletiva, e que pode alimentar movimentos sociais voltados para a equidade de gênero. Mulheres que se amam e se valorizam, são mais propensas a advogar por mudanças sociais. O amor-próprio, pode encorajar as mulheres a



reconhecerem seu próprio valor e a exigirem tratamento justo e igualitário, pode ser visto como uma ferramenta essencial que impulsiona a luta das mulheres por mudanças sociais e pela igualdade de gênero.

Segundo Mesquita (2006), visto no capítulo quatro, sobre a luta coletiva, atuar coletivamente significa construir pontes entre diferentes grupos e comunidades, levando em conta a diversidade de experiências humanas. Essa abordagem pode ajudar a promover a compreensão, a aceitação, a solidariedade e o desafio às estruturas de poder e dominação. Quando por exemplo a coletiva Papel Mulher usa assuntos como "amor-próprio" para promover a transversalidade. Isso porque o amor-próprio é uma forma de empoderamento pessoal que pode levar as mulheres a se conectarem com outras mulheres, a se empoderarem e a se engajarem na luta por mudanças sociais.

Figura 11 - Captura de tela que exemplifica a temática “Construção de identidade”



Fonte: *Instagram* da coletiva Papel Mulher

O tema “Construção de identidade” como exemplificada na figura 11, acima, se encaixa na “hermenêutica da Relembração e da Reconstrução” que se concentra na interpretação de textos e narrativas que envolvem a relembração de experiências passadas e na reconstrução do



significado a partir de uma perspectiva atual. A construção da identidade envolve frequentemente a criação de narrativas pessoais que contam a história de quem somos e como chegamos a ser. Essas narrativas são frequentemente reinterpretadas ao longo da vida, e a hermenêutica da relembração e da reconstrução lida com a interpretação dessas narrativas. As mulheres ao escreverem sobre suas identidades e suas experiências, elas podem reavaliar sua história pessoal e reinterpretar eventos passados à luz de uma perspectiva mais crítica. Isso pode levar a uma revisão das narrativas de suas vidas, à medida que consideram como certos eventos ou influências contribuíram para a construção da sua identidade.

Como vimos no capítulo três, os movimentos sociais contemporâneos segundo Pereira (2011) buscam promover a democratização das relações sociais dentro da sociedade civil, redefinindo papéis, normas, identidades (individuais e coletivas) e modos de interpretação de discursos existentes na esfera pública. Isso significa que as mulheres ao compartilharem suas histórias e experiências podem construir uma solidariedade coletiva. Isso ocorre porque elas percebem que não estão sozinhas em suas experiências. Elas percebem que outras mulheres também enfrentam desafios semelhantes, as narrativas pessoais também podem ser uma forma de desafiar estereótipos e preconceitos sobre a identidade feminina. Por exemplo, quando as mulheres compartilham suas histórias reais, elas mostram como as mulheres são diversas e complexas. Elas não se limitam a um único papel ou estereótipo de gênero.

Figura 12 - Captura de tela que exemplifica a temática “Empoderamento feminino”



Fonte: *Instagram* da coletiva Papel Mulher

O tema “Empoderamento feminino” como se exemplifica na figura 12, acima, se insere na análise crítica das estruturas de dominação (Hermenêutica da Dominação e do Lugar Social) e da ênfase na ação transformadora e na busca por justiça (Hermenêutica da Ação Transformadora). A Hermenêutica da Dominação e do Lugar Social destaca a importância de reconhecer e desafiar as estruturas de poder que perpetuam a desigualdade de gênero, e isso acontece quando mulheres escrevem sobre empoderamento feminino, muitas vezes isso envolve a crítica às estruturas de dominação e a busca por alternativas que promovam a equidade.

Segundo Castells (2013) como vimos no capítulo três, ele define que a autonomia, principalmente quando falamos de usar internet, tem a capacidade de um ator social tornar-se sujeito ao definir sua ação em torno de projetos elaborados independentemente das instituições da sociedade, segundo seus próprios valores e interesses.

E essas narrativas de empoderamento muitas vezes inspiram mulheres a se tornarem defensoras das suas lutas e a se envolverem no ativismo. Isso também se alinha com a

Hermenêutica da Ação Transformadora, que enfatiza a importância da ação para promover mudanças sociais significativas.

Figura 13 - Captura de tela que exemplifica a temática “Desconstrução de normas de gênero”

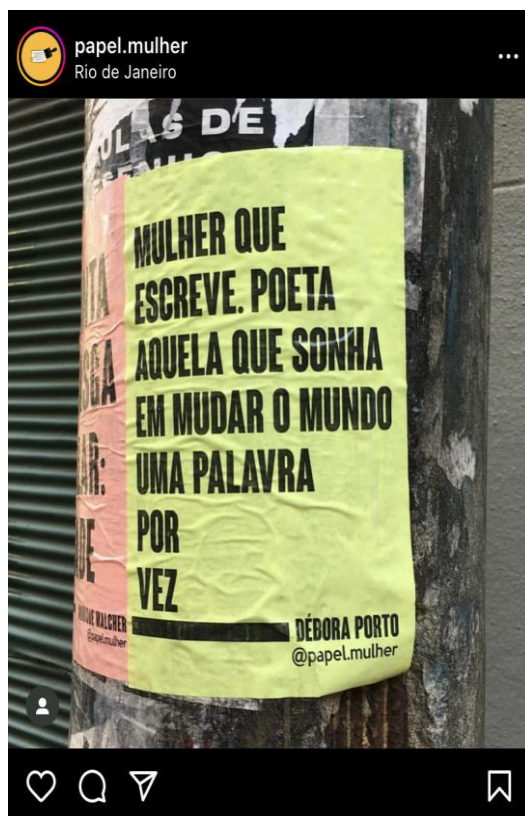


Fonte: *Instagram* da coletiva Papel Mulher

O Tema “Desconstrução de normas de gênero” como exemplificada na figura 13, acima, pode ser abordado tanto pela “hermenêutica da ação transformadora” quanto pela “hermenêutica da lembrança e da reconstrução”. Ambas as abordagens enfatizam a importância da conscientização crítica, da ação e da reinterpretando narrativas pessoais e culturais para desafiar e transformar normas de gênero. Segundo a autora Colling (2004) como vimos no capítulo três, ela traz que as diferenças de gênero são socialmente construídas, e não naturalmente dadas. As sociedades e as civilizações são responsáveis por conferir sentido a essas diferenças. Portanto, não há verdades absolutas sobre as diferenças entre homens e mulheres, mas sim uma relação social que foi reconstruída e remodelada dessa forma.

Então um coletivo traz essa temática e quando mulheres escrevem sobre isso, quando questionam as representações tradicionais de masculinidade e feminilidade, identificando seus impactos negativos e estão trabalhando para substituí-las por concepções mais igualitárias.

Figura 14 - Captura de tela que exemplifica a temática “Mudança social”

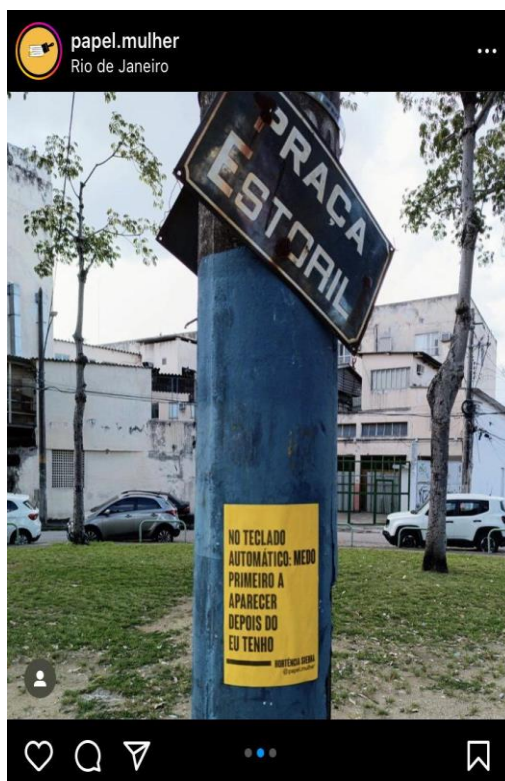


Fonte: *Instagram* da coletiva Papel Mulher

No tema “Mudança social” como exemplificado na figura 14, acima, as mulheres ao questionar as normas de gênero e as regras patriarcais em seus textos, elas podem contribuir para a desconstrução dessas normas. Isso permite que quando outras mulheres ou lerem esses textos percebam que não precisam se conformar com papéis e expectativas tradicionalmente impostos a elas. Portanto, com base na “hermenêutica da Ação Transformadora”, interpreta-se como as autoras abordam, questionam ou desafiam as normas de gênero e as estruturas de poder que perpetuam a desigualdade, para assim reconhecer a capacidade delas de tomar ações significativas em direção à mudança social.

Segundo visto no capítulo quatro, Rocher (1992) argumenta que a sociedade não é somente a ação social de uma pluralidade de pessoas, nem se reduz a uma forma ou outra de organização social. Ela é também movimento e mudança de uma coletividade através do tempo. Então quando mulheres ao questionarem as normas de gênero e as regras patriarcais em seus textos, podem contribuir para a desconstrução social dessas normas. Isso significa que elas podem ajudar a mudar a forma como a sociedade entende e trata as mulheres.

Figura 15 - Captura de tela que exemplifica a temática “Medo e insegurança”



Fonte: *Instagram* da coletiva Papel Mulher

O tema "Medo e insegurança" como exemplificado na figura 15 acima, e pode ser abordado pela “Hermenêutica da Experiência” e “Hermenêutica da Reconstrução e da Relembração”. A Hermenêutica da Experiência valoriza as experiências pessoais como fonte de compreensão. Então, quando as mulheres escrevem sobre seus medos e inseguranças, estão compartilhando experiências genuínas que podem ser cruciais para a compreensão do impacto de uma sociedade machista na vida das mulheres. Já na Hermenêutica da Reconstrução e da Relembração também pode se relacionar com a desconstrução das normas de gênero.

Conforme vimos no capítulo quatro, de acordo com Castells (2013), a mudança social é resultado da ação comunicativa de indivíduos conectados. Esses indivíduos, ao superar o medo, transformam-se em um ator coletivo consciente. Um exemplo disso é quando as mulheres escrevem sobre seus medos e inseguranças, elas estão compartilhando experiências genuínas que podem ser cruciais para a compreensão do impacto que uma sociedade machista causa na vida das mulheres. E outras mulheres ao se reconhecerem nesses relatos podem começar a questionar as normas de gênero que contribuem para esses sentimentos, e isso pode contribuir para a desconstrução dessas normas, o que pode contribuir para a uma mudança social.

Figura 16 - Captura de tela que exemplifica a temática “Arte e ativismo feminino”



Fonte: *Instagram* da coletiva Papel Mulher

O tema "Arte e ativismo feminino" como exemplificada na figura 16, acima, se encaixa apropriadamente no giro hermenêutico da "Imaginação Criativa" de Fiorenza (2009). A “hermenêutica da imaginação criativa” se concentra na interpretação e na análise de discursos que são criativos, inovadores e que desafiam as normas estabelecidas.

Assim vimos no capítulo quatro, a autora Felshin (2001), relata que os coletivos ativistas são híbridos, pois combinam elementos da arte, do ativismo político e dos movimentos



sociais. Eles têm um pé no mundo da arte, pois usam a arte como uma forma de expressão e comunicação. Eles têm outro pé no mundo do ativismo político e dos movimentos sociais, pois trabalham para promover mudanças sociais. Então quando a coletiva Papel mulher e as próprias mulheres argumentam que a arte e o ativismo causam uma revolução estão redefinindo e redesenhando as narrativas de gênero, e promovendo a igualdade desafiando as estruturas de poder. Além de confirmar e ressaltar a importância do papel dessas práticas na mobilização e na transformação social.

Figura 17 - Captura de tela que exemplifica a temática “Emancipação feminina”



Fonte: *Instagram* coletiva Papel Mulher

O tema “Emancipação feminina” como exemplificado na figura 17, acima, refere-se à busca por liberdade, igualdade e autonomia das mulheres em todas as esferas da vida. Envolve a luta contra a dominação de gênero e a transformação das normas sociais e políticas que historicamente oprimiram as mulheres. Portanto, a “hermenêutica da Ação Transformadora” é particularmente relevante para explorar como as ações individuais e coletivas contribuem para a emancipação feminina e para a promoção da igualdade de gênero.

Assim como vimos no capítulo quatro, de acordo com Buoro (2000), a arte é uma forma de expressão humana que surge da interação entre o homem e o mundo. Essa interação é um processo de descoberta, invenção e conhecimento, portanto quando as mulheres escrevem sobre emancipação estão frequentemente envolvidas em uma análise crítica das normas de gênero, das desigualdades e da opressão que elas vivem ou viveram, e assim utilizam sua escrita como um veículo que visa desafiar e incentivar outras mulheres e a sociedade a desconstruir essas estruturas

Figura 18 - Captura de tela que exemplifica a temática “valorização das raízes e história feminina”



Fonte: *Instagram* da coletiva Papel Mulher

O tema “valorização das raízes e história feminina” como exemplificado na figura 18, acima, se encaixa na “hermenêutica da lembrança e da reconstrução”. Quando mulheres escrevem sobre a valorização das raízes e da história feminina, isso envolve a redescoberta e a reinterpretação das contribuições das mulheres ao longo da história, a compreensão de suas experiências e a promoção do reconhecimento de suas realizações. Assim, como vimos no capítulo três, de acordo com Colling (2004), a história tradicional, é escrita por homens, e



invisibiliza as mulheres. Isso ocorre porque os homens, ao descreverem as mulheres, assumem o papel de porta-vozes delas. Eles definem as mulheres como objetos, e não como sujeitos.

Então quando as mulheres escrevem sobre a valorização das suas raízes e da história feminina isso se torna uma ferramenta importante para a emancipação feminina. Porque ao redescobrir as contribuições das mulheres ao longo da história, as mulheres podem demonstrar que elas sempre estiveram presentes e que elas sempre contribuíram para a sociedade. Isso pode ajudar a quebrar estereótipos e contribuir para a construção de uma história mais inclusiva e justa.

Figura 19 - Captura de tela que exemplifica a temática "Relações afetivas e autonomia"



Fonte: *Instagram* da coletiva Papel Mulher

O tema "Relações afetivas e autonomia" como exemplificada na figura 19, acima, pode ser relacionado com "hermenêutica da Experiência" e "Hermenêutica da Ação Transformadora". Que se concentra na compreensão das experiências pessoais e individuais. Quando mulheres escrevem sobre suas próprias experiências em relações afetivas e a autonomia estão contribuindo para a compreensão das complexidades envolvidas. Isso permite que outras mulheres se identifiquem e encontrem apoio em suas próprias vivências. Já na

Hermenêutica da Ação Transformadora essa escrita das mulheres ajuda a criar conscientização sobre as questões de gênero e autonomia nas relações. Conscientiza as mulheres sobre os desafios enfrentados, bem como as soluções possíveis para reestruturar esse cenário. Como vimos no capítulo três, de acordo com Castells (2013), a definição de autonomia é a capacidade de um ator social definir sua própria ação, independentemente das instituições da sociedade. Isso significa que o ator social é capaz de escolher seus próprios objetivos e valores, e de agir de acordo com eles.

As relações afetivas são um aspecto importante da vida humana. Elas podem proporcionar amor, apoio e companhia, mas também podem ser fonte de sofrimento e dependência. Neste sentido a autonomia da mulher é um conceito importante para as relações afetivas. Quando as mulheres são autônomas, elas são capazes de tomar suas próprias decisões e agir de acordo com seus próprios valores. Isso pode ajudar a garantir que as relações sejam saudáveis e mutuamente benéficas.

Figura 20 - Captura de tela que exemplifica a temática "Desigualdade de gênero"

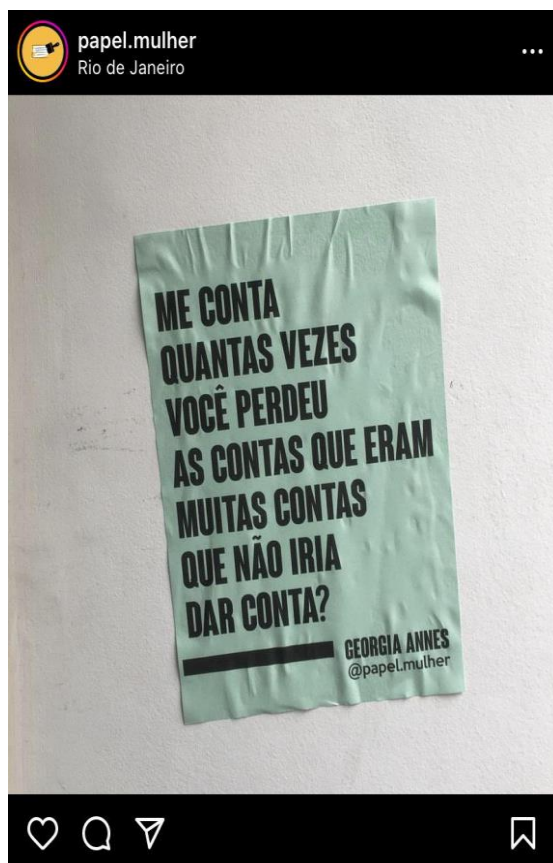


Fonte: *Instagram* da coletiva Papel Mulher

O tema “Desigualdade de gênero” como exemplificado na figura 20, acima, refere-se às disparidades sistêmicas entre homens e mulheres em termos de acesso a recursos, oportunidades, poder e influência. Isso muitas vezes é moldado pelas normas de gênero, estereótipos e práticas discriminatórias enraizadas na sociedade. Assim como vimos no capítulo três, a autora Colling (2004) afirma que a construção social das diferenças de gênero tem um impacto significativo na vida das mulheres. Ela pode limitar as oportunidades das mulheres, dificultar o seu acesso ao poder e à riqueza, e até mesmo levar à violência contra as mulheres.

E neste sentido a “hermenêutica da dominação e do lugar social” permite a análise crítica dessas estruturas de poder e a compreensão das posições sociais das mulheres em um contexto de desigualdade. Esse giro hermenêutico é particularmente apropriado para explorar como as estruturas de dominação de gênero afetam as mulheres em diferentes esferas da vida e como as posições sociais das mulheres são construídas e mantidas. Quando mulheres escrevem sobre desigualdade de gênero, isso não se limita a uma exposição das injustiças, mas também serve como um apelo à transformação das estruturas que perpetuam essa desigualdade. E neste sentido a afirmação de Colling (2004) é importante porque desafia a ideia de que as diferenças entre homens e mulheres são naturais e inevitáveis. Ela nos lembra que as relações de gênero são construídas socialmente e, portanto, podem ser transformadas.

Figura 21 - Captura de tela que exemplifica a temática "Sobrecarga e expectativas de gênero"



Fonte: *Instagram* da coletiva Papel Mulher

O tema "Sobrecarga e expectativas de gênero" como exemplificado na figura 21, acima, pode ser abordado de maneira apropriada no "giro hermenêutico da Avaliação Crítica". A hermenêutica da avaliação crítica concentra-se na análise crítica dos discursos, normas, estruturas e práticas sociais existentes. Ela é especialmente relevante para a exploração das expectativas de gênero e da sobrecarga que as mulheres muitas vezes enfrentam devido a essas expectativas.

A autora Colling (2004) fala sobre a sobrecarga das mulheres, ela argumenta que as mulheres, em geral, assumem mais responsabilidades domésticas e de cuidados do que os homens. Isso pode levar à sobrecarga física e mental, bem como a problemas de saúde.

Quando mulheres escrevem sobre a sobrecarga e as expectativas de gênero, elas aplicam essa abordagem para examinar e desafiar as normas de gênero que impõem essa sobrecarga e pressões desiguais sobre as mulheres.

Figura 22 - Captura de tela que exemplifica a temática "Discriminação das mulheres trans/travestis"



Fonte: *Instagram* da coletiva Papel Mulher

O tema "Discriminação das mulheres trans/travestis" envolve a análise das formas como as mulheres transgênero enfrentam tratamento desigual e injusto com base em sua identidade de gênero. A hermenêutica da avaliação crítica, é apropriada para análise. Quando mulheres trans/travestis escrevem sobre a discriminação enfrentadas e as suas vivências, essas autoras contribuem significativamente para aumentar a conscientização sobre essas questões. A conscientização é um passo crítico no caminho em direção à mudança social e à promoção de uma sociedade mais inclusiva e justa.

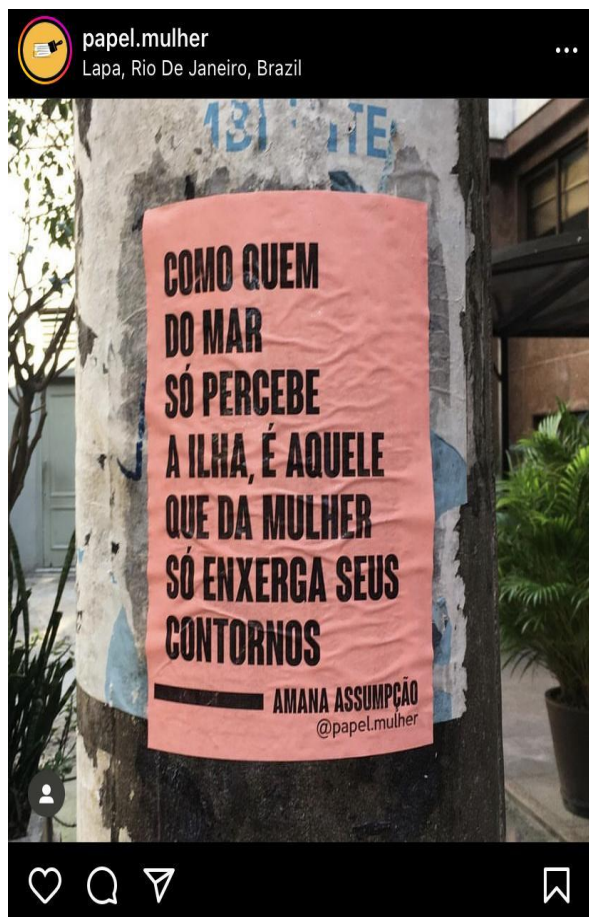
Segundo Colling (2004) as mulheres cis enfrentam a opressão patriarcal por serem consideradas inferiores aos homens. Elas são frequentemente discriminadas no mercado de trabalho, na educação e em outros espaços sociais. As mulheres trans, por sua vez, enfrentam a opressão patriarcal e a transfobia. A transfobia é a discriminação ou aversão às pessoas trans. As mulheres trans são frequentemente vítimas de violência, discriminação e exclusão social.

Por isso é importante mulheres cis e trans estejam lutando juntas, para assim garantir os direitos das mulheres e promover a igualdade de gênero para todas as pessoas. Isso pode ser



feito por meio de coletivos como a coletiva Papel Mulher, por meio de políticas públicas, educação e ações da sociedade civil.

Figura 23 - Captura de tela que exemplifica a temática "Objetificação do corpo feminino"



Fonte: *Instagram* da coletiva Papel Mulher

O tema "Objetificação do corpo feminino" como exemplificado na figura 23, acima, se encaixa apropriadamente no giro hermenêutico da "Avaliação Crítica". A hermenêutica da avaliação crítica concentra-se na análise crítica dos discursos, normas, estruturas e práticas sociais existentes. Isso é particularmente relevante quando se trata de questões relacionadas à objetificação do corpo feminino.

A autora Colling (2004) argumenta que o corpo feminino é frequentemente reduzido a um objeto de consumo e prazer. Essa objetificação é reforçada por diversos meios, como a mídia, a publicidade e a cultura popular. E isso é reforçado pela mídia, por exemplo, que frequentemente representa o corpo feminino de forma sexualizada e hiper sexualizada.

A publicidade, por sua vez, usa o corpo feminino para vender produtos e serviços. E a cultura popular, em filmes, séries e novelas, muitas vezes retrata o corpo feminino como um

objeto de desejo masculino.

E quando mulheres escrevem e criticam a objetificação do seu corpo e à redução das mulheres a objetos sexuais. Elas desafiam as normas de gênero e padrões estéticos impostos, contribuindo para a promoção de uma compreensão mais realista da identidade feminina. Além disso, esse ato de crítico desempenha um papel crucial na conscientização da visão do corpo feminino.

Os temas analisados estressam como as mulheres utilizam da escrita, e da arte para expressar seus pensamentos, suas emoções, mas também como utilizam disso como um manifesto político e público e de luta coletiva social. Conforme Reed (2005), se encararmos os movimentos sociais como demonstrações públicas frequentes de valores políticos e culturais alternativos, podemos reconhecer a significativa contribuição da arte e do ativismo na articulação dessas visões alternativas. A arte ativista desempenha um papel crucial tanto no âmbito cultural quanto na compreensão de sua relevância no contexto das forças políticas e sociais presentes nos movimentos coletivos e nos esforços de transformação social.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho, tinha como seu objetivo geral, entender como a Coletiva Papel Mulher usa a comunicação para desenvolver e potencializar ações para promover a escrita de mulheres através da arte urbana de lambe-lambe como uma ferramenta de transformação social. E tinha entre seus objetivos específicos, a) Compreender a atuação do coletivo Papel Mulher como movimento social que luta em prol da divulgação da escrita de mulheres no espaço público; e neste sentido conclui-se que a atuação do coletivo Papel Mulher pode ser dividida em três eixos principais: a difusão e divulgação da escrita de mulheres em espaços público e digital (*Instagram*), a promoção da participação das mulheres na coletiva, e atuação na luta pela igualdade de gênero e da construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Ademais, outro objetivo específico era, b) Identificar quais as estratégias de comunicação são utilizadas pela coletiva Papel Mulher para potencializar a arte como ferramenta de transformação social, foi possível identificar as estratégias de comunicação da coletiva durante a análise, foi possível fazer uma ligação entre o quinto capítulo teórico, e comunicação estratégica da coletiva Papel Mulher, que utiliza a comunicação como estratégica para potencializar a arte como ferramenta de transformação social.

Essas estratégias de comunicação, podem ser divididas em dois grupos principais: estratégias de difusão da escrita das mulheres na arte, através de intervenções urbanas, com os lambes, que é a principal estratégia de difusão da arte utilizada pelo coletivo. Os lambes são colados em locais públicos, como muros, postes e lixeiras, e são uma forma de colocar a poesia na rua e dar visibilidade à escrita de mulheres. Outra estratégia é usar das redes sociais, a coletiva, que tem uma forte presença no *Instagram*, onde compartilha poemas de autoras brasileiras e de outros países e promove discussões sobre temas relacionados à igualdade de gênero e a luta das mulheres.

A coletiva também tem um projeto de financiamento coletivo, que ajuda a custear as atividades da coletiva, incluindo a produção de novos lambes.

Essas estratégias são utilizadas de forma integrada, de modo que a comunicação potencializar o impacto da arte na transformação social. Os lambes, por exemplo, são uma forma de chamar a atenção para a escrita de mulheres e para os temas abordados pelos poemas, tanto na colagem nas ruas, como na divulgação no *Instagram* da coletiva. Também identificamos estratégias que existem dentro da plataforma do *Instagram*, isso inclui a regularidade das postagens, a qualidade e a aparência visual dos conteúdos, o planejamento das publicações e a capacidade de estabelecer um diálogo eficaz com o público, além disso, a



coletiva Papel Mulher desenvolvendo outras alternativas que também podem ser consideradas estratégicas como: traduzir e produzir publicações que estão em outros idiomas, também se utiliza das legendas das publicações para colocar o nome da autora e os canais de contato, além de colocar uma descrição na legenda, de quem é essa mulher que escreve, o que ela faz, o que ela gosta, dando assim um “rosto” para ela, essa é uma forma de mostrar quem são essas mulheres que escrevem e de que existe uma diversidade de mulheres que escrevem, usando-se isso como uma forma de humanizar e fazer com que outras mulheres ao lerem os textos possam se identificar com eles, ou seja, a coletiva utiliza de diversas estratégias de comunicação para falar com o seu público e para divulgar a escrita das mulheres, além de produzir diálogos e conscientização sobre temas relacionados à luta feminista e às vivências das mulheres.

Outro objetivo era entender os sentidos produzidos pelos discursos publicizados no *Instagram* e fora dele pela coletiva Papel Mulher, ao analisar as publicações, entendemos que os discursos demonstram em primeiro lugar um compromisso significativo com a promoção do diálogo e da conscientização sobre os tópicos essenciais das lutas das mulheres, e que também estão alinhados com os objetivos da coletiva, o qual é espalhar a escrita das mulheres por todos os espaços, e de pôr a poesia nas ruas e na vida das pessoas. Além disso, a coletiva ao abrir esse espaço virtual fornece um “palco” para dar voz para as mulheres, onde elas podem compartilhar seus medos, seus anseios, suas experiências, suas vivências, mesmo sendo algo individual inicialmente, ao alcançar outras mulheres se torna algo coletivo. Porque quando utilizamos plataformas digitais, transcendemos o espaço físico. Isso permite criar um ambiente com grande potencial e versatilidade.

A problemática que nos guiou durante esse trabalho foi “Como a Coletiva Papel Mulher usa a comunicação para desenvolver e potencializar ações para promover a escrita de mulheres através da arte urbana de lambe-lambe como uma ferramenta de transformação social?” Observando os materiais estudados, acreditamos que a resposta ao nosso questionamento é que a comunicação é usada de forma eficaz pela coletiva e de várias maneiras, principalmente como ferramenta estratégica, que auxilia na divulgação e difusão de ideais, por meio de poesias escritas por mulheres, trazendo reflexões e formulações de discursos com os quais as mulheres identificam enquanto sujeitos que agem na sociedade. Instigando assim as mulheres, para que ousem desafiar um sistema patriarcal, para a desconstrução de narrativas machistas, dando voz às mulheres e ampliando o diálogo público em torno das questões que envolvem as vivências e experiências das mulheres.

A coletiva contribui para a criação de um ambiente sociocultural mais inclusivo, onde as mulheres podem e devem ser protagonistas das suas histórias, seja aquelas apenas escritas no papel ou aquelas vividas no mundo real.

Desta forma, este trabalho serviu para levantar questões teóricas sobre como a comunicação pode ser usada de forma estratégica, para desenvolver e potencializar ações e para promover a escrita das mulheres e a luta feminina por igualdade de gênero, também serviu de reflexões sobre o papel da comunicação na construção de uma sociedade mais justa e democrática. A comunicação pode ser uma ferramenta poderosa para promover a mudança social, e o coletiva Papel Mulher é um exemplo disso. Espero que esse estudo contribua para estudos futuros sobre o papel da comunicação na promoção da arte como um instrumento de luta e transformação social em favor de coletivos e de grupo minoritário em nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALVES, A. **Ciências da comunicação, área interdisciplinar**. Revista Comunicação e Sociedade 1, Cadernos do Noroeste, Série Comunicação, v. 12 (1-2), p. 5-18, 1999.

ASSUMPCÃO GARCIA, D., & ABRAHÃO E SOUSA, L. M. (2016). **A sororidade no ciberespaço: laços feministas em militância**. *Estudos Linguísticos (São Paulo, 1978)*, 44(3), 991–1008. Disponível em: < <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1032> > Acesso em: 12 de junho de 2023.

BECKER, P. V. . **Ciberfeminismo e o Direito Achado na Rede: o ciberespaço como plataforma de inteligência coletiva e enfrentamentos na luta feminista**. In: José Geraldo de Sousa Junior; Murilo Cesar Ramos; Elen Cristina Geraldese; Fernando Oliveira Paulino; Janara Sousa; Helga Martins de Paula; Talita Tatiana Dias Rampin; Vanessa Negrini.. (Org.). *O Direito Achado na Rua: Introdução Crítica ao Direito à Comunicação e à Informação*. 1ed.Brasília: Fac Livros, 2016, v. 8, p. 10-455.

BERNARDINI, G.; GOBBI, Maria. C. **Levante popular da juventude brasileira: saímos do Facebook**. *Mediação*, Belo Horizonte, v. 15, n. 17, jul./dez, 2013.

CARRILLO, Maria Victoria. **Comunicação Estratégica no ambiente comunicativo das organizações atuais**. *Comunicação e Sociedade*, v. 26, p. 71-80, 2014. Disponível em: < <https://revistacomsoc.pt/index.php/revistacomsoc/article/view/1146> > Acesso em: 12 de junho de 2022.

CASTELLS, Manuel. Medeiros, Carlos Alberto. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. 2013. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

\_\_\_\_\_. **O poder da identidade**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **A galáxia Internet: reflexões sobre Internet, negócios e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

COLLING, Ana. **A construção histórica do feminino e do masculino**. In: STREY, Marlene N.; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PREHN, Denise R. (Org.). *Gênero e cultura: Questões contemporâneas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004, pp. 13-38.

CORRÊA, E. S. **A comunicação digital nas organizações: tendências e transformações**. *Organicom*, v. 6 n.10-11, 2009.

\_\_\_\_\_. **Comunicação digital: uma questão de estratégia e de relacionamento com os públicos**. *Organicom*, v. 2, n.3, 2005.

DASSOLER, Elisa Rodrigues et al. **Coletivo Arte na Periferia: por uma outra dimensão territorial das artes visuais**. 2011. Disponível em: < <https://files.cargocollective.com/584053/Dissertac-a-o-Elisa-Dassoler-UDESC-2011.pdf> >. acesso em: 19 de jan. de 2021.

DATRINO, Mariana Alarcon. **Comunicação estratégica de movimentos sociais na internet: estudo sobre o Facebook do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. 2019

DEWEY, John. **Democracia e educação: introdução à filosofia da educação**. 3. ed. Trad. Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1959a.

FIORENZA, Elisabeth S. **Caminhos da Sabedoria. Uma introdução à interpretação bíblica feminista**. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2009.

GERHARDT, Tatiana. SILVEIRA, Denise. (Orgs.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/52806>>. acesso em: 19 de jan. de 2021.

GOHN, M. G. **Manifestações de Junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo**. Pretrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GOHN, M. G. **Teorias dos movimentos sociais. Paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HENRIQUES, M. S. (org.). **Comunicação e estratégias de mobilização social**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

HERBELÊ, A.; SOARES, F. **Comunicação para o desenvolvimento: estratégias e conceitos**. In: Estudos em Comunicação, n.13, p. 151 -174, 2013. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/26983296.pdf>. Acesso: 06/08/2023

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

KUNSCH, M. M. K. **Comunicação Organizacional: contextos, paradigmas e abrangência conceitual**. Matrizes, v.8, n. 2. São Paulo: ECA-USP, 2014.

KÜNSCH, DIMA et al (Orgs.). **Esfera pública, redes e jornalismo**. Rio de Janeiro: EPapers, 2009, p. 9-30.

LEMONS, A. **Nova esfera Conversacional**. In: MARQUES, Â.; COSTA, C. T.;

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, S. **Arte e Transformação Social**. Casa da Arte de Educar. Disponível em: <<https://silo.tips/download/arte-e-transformacao-social-sueli-de-lima-coordenadora-geral-da-casa-das-artes-ma>> Acesso em: 12 de junho de 2022.

LUGÃO; Káthia Gomes. **O Ensino da Arte no Desenvolvimento Integral do Indivíduo Conhecer a Si Próprio**. Rio de Janeiro, 2009. 58 f. Monografia (Pós-Graduação em “Lato Sensu”). Universidade Candido Mendes. Disponível em:> [http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/C203672.pdf](http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/C203672.pdf)> Acesso em: 12 jun. 2022.

LUKÁCS, Georg. **Introdução a uma estética marxista**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

MACHADO, J. A. S. **Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais**. Porto Alegre: sociologias, ano 9, n. 18, 2007.

MAFRA, R.; HENRIQUES, M. S.; BRAGA, C. O. **Planejamento da Comunicação para a Mobilização Social: em busca da co-responsabilidade**. In: HENRIQUES, Márcio (org). Comunicação e Estratégias de Mobilização Social. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004, p.33-58.

MAFRA, R. **Entre o espetáculo, a festa e a argumentação: mídia, comunicação estratégica e mobilização social**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.

MESQUISTA, André. **Insurgências poéticas: arte ativista e ação coletiva**. Disponível em: [http://www.espiral.fau.usp.br/arquivos-artigos/2008-dissertacao\\_Andre\\_Mesquita.pdf](http://www.espiral.fau.usp.br/arquivos-artigos/2008-dissertacao_Andre_Mesquita.pdf). Acesso em: 13 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. **Arte-Ativismo: Interferência, coletivismo e transversalidade**. Disponível em: <https://exerciciodacritica.files.wordpress.com/2009/05/arteativismo1.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2015.

MENDONÇA, R. F. **Comunicação e sociedade civil: interfaces e agendas**. Revista Compólitica, n. 1, mar/abr, 2011.

MELLUCI, A. **Juventude, tempo e movimentos sociais**. Revista Young. Estocolmo: v. 4, n. 2, p. 3-14, 1996.

PEIXOTO; Maria Inês Hamann. **Relações arte, artista e grande público: a prática estético educativa numa obra aberta**. Campinas, 2001. Tese de Doutorado. Univ. Estadual de Campinas. Disponível em: < <https://repositorioslatinoamericanos.uchile.cl/handle/2250/1345935> > Acesso em: 12 de junho de 2022.

PEREIRA, M. A. **Internet e mobilização política – os movimentos sociais na era digital**. In: IV Encontro da Compólitica, 04, 2011, Rio de Janeiro. Anais IV Encontro da Compólitica. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

REED, Thomas Vernon, **The art of protest: culture and activism from the civil rights movement to the streets of Seattle**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2005.

Rocher, G. (1989 a). **Sociologia geral. Mudança social e ação histórica** (vol. 3). Lisboa: Editorial Presença.

\_\_\_\_\_ (1989). **Sociologia geral. A organização social** (vol. 2). Lisboa: Editorial Presença.

SANTAELLA, L. (2005). **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus

SILVA, H. **Desvios: Cartaz lambe-lambe, comunicação visual e arte nos espaços de trânsito**. 2015. 96 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/5390?mode=full> > Acesso em: 12 de setembro de 2022.

SILVA, D. W. **Comunicação organizacional e as estratégias de invisibilidade e de redução/direcionamento da visibilidade nas mídias sociais**. Tese em Comunicação e Informação -

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018.

SILVEIRA, S. A. **Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo**. Revista USP, São Paulo, n.86, p.28-39, 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13811/15629>. Acesso: 09/08/2023

SAWAIA, Bader Burihan. **Transformação social: um objeto pertinente à psicologia social?** Psicologia & Sociedade, v. 26, p. 4-17, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/Wx4KxGgWwRk57tqYxQS4Zhx/?format=pdf&lang=pt> > Acesso em: 12 de setembro de 2022.

TOMAÉL, M. I.; ALCARÁ, A.R.; CHIARA, I. G. D. **Das redes sociais à inovação**. Ci. Inf. Brasília, v.34, n.2, p.93-104, 2005.

TOURAINÉ, A. **Na fronteira dos movimentos sociais**. Revista Sociedade e Estado, v.21, n.1, p. 17-28, jan/abr, 2006.

VEGH, S. **Classifying forms of online activism: the case of cyberprotests against the WorldBank**. In: MCCAUGHEY, M., AYERS, M.D.(Ed.).Cyberactivism: online activism in theory and practice.London: Routledge, 2003.